

Os animais na fraseologia brasileira*

Rogério F. Guerra¹

Universidade Federal de Santa Catarina

Os animais são utilizados como referência para descrever o comportamento, aspecto físico, personalidade e estados subjetivos de uma pessoa (e.g., *mosca*: pessoa importuna ou insistente; *cacarejar*: falar monotonamente, tagarelar). Foram analisados os substantivos, verbos e frases (clichês, gírias e provérbios) usados pela população brasileira, de acordo com as descrições mencionadas nos dicionários e livros sobre folclore. A maior parte dos animais usados nas comparações teriomórficas pertence à fauna nativa, espécies domésticas ou que vivem próximos ao homem – principalmente mamíferos das ordens Artiodactyla, Carnivora e Perissodactyla. Os animais foram majoritariamente utilizados com propósitos negativos e algumas expressões populares revelam erros curiosos, como “chorar lágrimas de crocodilo” e “andar para trás como caranguejo”; o significado muda em razão do gênero, desenvolvimento físico e tamanho dos animais usados como referência. Não obstante as precisões e equívocos à respeito dos animais, a linguagem teriomórfica funciona como esquema metafórico, o qual é útil para transmissão de idéias e pensamentos complexos durante uma conversa rotineira.

Animals are used as a reference for describing behavior, physical appearance, character and subjective states of a person (e.g., *mosca*/fly: annoying and insistent person; *cacarejar*/to cackle as a hen: to talk monotonously, to chatter). It has been analyzed nouns and substantives, verbs and popular sayings (clichés, slangs and proverbs) used by Brazilian people in a current conversations, in accordance to the descriptions given by Brazilian dictionaries and folklore books. Most animals used in these theriomorphic comparisons belonged to the native fauna, domestic ones of those that live close to humans – mainly mammals from Artiodactyla, Carnivora and Perissodactyla orders. In most cases, animals are used with a clear negative connotation and some popular sayings phrases contain mistakes about animals, like as “crocodile’s tears” and “walking back as a crab”; the meanings changed as function of gender, physical development and body size of animals that were taken as reference. Despite the low level of accuracy and misconceptions about animals, theriomorphic language works as a metaphorical scheme, which is useful for transmitting complex ideas and thinking in a current conversation.

* Animals in Brazilian phraseology.

¹ Professor Titular e Editor de RCH. Endereço para correspondências: Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Psicologia, Campus Universitário, Florianópolis, SC, 88040-900 (rfguerra@cfh.ufsc.br).

Palavras-chave: Animais – Antropomorfismo – Teriomorfismo – Psicologia comparativa – Esquemas metafóricos – Expressões idiomáticas – Verbos e substantivos.

Keywords: Animals – Anthropomorphism – Theriomorphism – Comparative psychology – Metaphorical schemas – Idiomatic expressions – Verbs and substantives.

Introdução

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que a ti são enviados, quantas vezes eu quis eu ajuntar os teus filhos, bem como uma ave recolhe os do seu ninho debaixo das asas, e tu não quisestes? (Evangelho de S. Lucas 13: 34)

A nossa comunicação diária é rica em expressões que lembram alguma coisa relacionada aos animais, como “dar trela” (estimular a conversa fiada ou os mexericos) e “perder a estribeira” (descontrolar-se, atrapalhar-se ou ter um acesso de fúria). Faz-se necessário esclarecer que trela era a correia de couro que retinha os cães de caça – dar trela era ampliar a liberdade de ação da alimária – e estribeira (o par de estribos) era a peça que os cavaleiros posicionavam os pés, para manter o equilíbrio e o melhor controle do cavalo. As expressões populares emergem em diferentes contextos, como “a vaca foi para o brejo” (a coisa piorou demasiadamente) e “cautela e canja de galinha não faz mal a ninguém” (recomendação de prudência). Além do valor funcional, tal recurso torna uma conversa mais interessante e facilita os mútuos entendimentos.

Algumas frases são específicas da nossa cultura, mas utilizam modelos universais (e.g., cavalos, cães e gatos) ou exibem estrutura e funcionalidade equivalentes aos encontráveis em outros idiomas, como “gato escaldado tem medo de água fria” (Brasil) e “cão escaldado tem medo de chuva” (ver: NASCENTES, 1986; MIEDER, 1986). Em termos comparativos, expressões típicas de outras culturas usam um sistema referencial diferente, mas exibem semelhança estrutural com aquelas encontráveis na fraseologia brasileira. Um exemplo “um pai cuida melhor de dez filhos que dez filhos cuidam de um pai”, ditado alemão equivalente a “cachorro que tem muitos donos morre de fome”. A conhecida expressão “onde tem fumaça, tem fogo” é equivalente a “onde tem abelhas, tem mel” (SIMPSON, 1986).

O nome de um animal às vezes é utilizado para designar uma pessoa, mas um detalhe da anatomia também pode ser utilizado com propósitos equivalentes, como *olhos de sapo* (exoftalmia), *dente de cavalo* (grandes e desalinhados), *lábio leporino* (má formação embrionária da região bucal) e *barata descascada* (palidez excessiva ou albinismo). O descontrole verbal é condenado na expressão:

“um burro é facilmente reconhecido por suas longas orelhas, um tolo por sua língua comprida” (ditado iídiche). A nossa fraseologia não conta com algo tão interessante, mas *língua-comprida* e *linguarudo* servem para designar o indivíduo tolo e falastrão.

O estudo da fraseologia proporciona uma compreensão dos antigos costumes e informa a nossa proximidade com certos animais, tal como pode ser visto em duas expressões: “boi sonso é que arromba cerca” (indivíduo esperto que se faz passar por tolo) e “conversa para boi dormir” (tentativa de logro ou simples conversa fiada). Os bovinos são infestados por carrapatos e outros ectoparasitos, de modo que buscam as cercas para se aliviarem das incômodas coceiras, tornando comuns os arrombamentos. A segunda expressão é mais interessante, pois é uma referência ao canto e às conversas “amigáveis” dos vaqueiros que conduziam as manadas (*aboiar*); os animais facilmente se assustavam com os movimentos bruscos, vôos rasantes de aves de rapina ou presença de onças e suçuaranas. Bastava a reação de um animal assustado para provocar o estouro da boiada, mas os vaqueiros conversavam ou cantavam à frente dos animais, sinalizando normalidade e tranquilidade. O modelo mais próximo que conhecemos é o modo gentil e monossilábico que as mães adotam quando “conversam” com seus bebês (*motherese*).

Adágios, anexins, frases de efeito e ditados populares são úteis na comunicação diária, em razão da brevidade, simplicidade e confiança que eles suscitam – *vox populi, vox Dei*. O sistema referencial facilita a transmissão de ensinamentos morais e dão colorido especial às conversas, como “cada macaco em seu galho” (valorização das especificidades ou das diferenças) e “andar como cachorro sem dono” (vadiar ou bordejar). Muitas dessas construções verbais são antigas e é natural que sejam incompatíveis com o espírito dos tempos atuais, como “matar dois coelhos com uma cajadada” e “matar a cobra e mostrar o pau”. Por que examinar esses aspectos da nossa fraseologia? O modo como falamos revela alguma coisa da personalidade ou da alma de um povo, mas para nós o assunto é especialmente importante em razão dos seguintes motivos: o Brasil conta com uma população enorme e variada, exibe dimensões continentais e possui a maior diversidade biológica do planeta.

A tradição judaico-cristã

Descrições acerca de fenômenos naturais e comparações da humanidade com estruturas inanimadas são encontráveis no Antigo Testamento, como ocorre na ocasião em que os descendentes de Abrão são comparados às “estrelas dos céus” e “areia à beira-mar” (Gen 22:17). Os livros dos Salmos e dos Provérbios descrevem alguns exemplos de retidão da conduta humana,

tendo como modelo o comportamento dos animais. Com efeito, as abelhas e as formigas exemplificam o espírito cooperativo e providente; as aranhas servem de modelo para enaltecer o ideal da conduta humana, pois elas são persistentes e tecem obras geométricas perfeitas dentro dos palácios (Prov 30:25-28). Outros animais são mencionados, mas nada se equipara ao número de citações envolvendo mamíferos de grande porte, especialmente bovinos, caprinos e eqüinos. Quem não conhece a expressão “O Senhor é o meu pastor, nada me faltará” (Sl 23:1)? Outra frase bastante conhecida é “tempos das vacas magras e das vacas gordas” – tempos difíceis e de abundâncias, alusão ao sonho que o faraó relatara a José (Gen 41:1-4). Os peixes também se inserem na ecologia fraseológica, pois “o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, que apanha toda a qualidade de peixes” (Mt 13:47).

Os ditados populares transmitem ensinamentos e idéias complexas, como “uma andorinha não faz um verão”, “cobra que não anda não engole sapo” e “não se deve cutucar onça com vara curta”. Outra frase bastante útil é “mais vale um pássaro na mão que dois voando”, a qual indubitavelmente é uma versão de “melhor um peixe na mesa que um cardume no rio”; elas exibem estruturas funcionais equivalentes, embora os animais sejam diferentes. Uma frase mencionada na Bíblia explora as condições contrastantes, não o montante de animais, e talvez tenha sido a fonte de inspiração para as duas frases anteriores: “mais vale um cão vivo que um leão morto” (Ecl 9:4). Por outro lado, “lançar pérolas aos porcos” (perder tempo com pessoas inúteis ou esbanjar recursos ou conselhos com os parvos e ignorantes) é originário do Evangelho de São Mateus: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis aos porcos as vossas pérolas...” (Mt 7:6).

Uma frase conhecida associa os camelos às dificuldades encontradas por um rico para entrar no reino dos céus. Esses animais eram utilizados no transporte de carga e de pessoas e eram valorizados pelos povos do deserto: “Ainda digo mais: Que mais fácil é passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus (Mt 19:24; ver também Mc 10:25 e Lc 18:25); o Corão também menciona uma comparação semelhante, alertando que as portas do Paraíso se fecharão àqueles que desmentirem seus Versículos, até que um “camelo passe pelo olhal de uma agulha” (Surata 7:40). Tais expressões relembram os tempos em que enormes caravanas de camelos cruzavam os desertos; elas eram a única forma de transporte de pessoas e mercadorias e ainda são encontráveis nos dias atuais.

A fraseologia revela os aspectos do ambiente, a luta pela sobrevivência e o relacionamento do homem antigo com os seres vivos. Certas espécies usufruem bom conceito, mas outras simbolizam o caráter condenável de uma pessoa. As ovelhas e os cordeiros simbolizam o que há de mais puro e benevolente num cristão, mas porcos e lobos simbolizam as imundícies, a traição e motivações malévolas.

A expressão “lobo em pele de cordeiro” é uma referência aos ladrões que se escondiam por debaixo de pelegos de ovelhas e atacavam os rebanhos (Mt 7:15). A metáfora servia para alertar os cristãos acerca dos maus profetas, os quais camuflavam suas heresias com falas sedutoras. De modo geral, as espécies carnívoras ou de hábitos noturnos não usufruem bom conceito, mas outras ganharam novo status, como os cães que se tornaram “os melhores amigos do homem”. A notável transformação será examinada numa seção mais adiante.

Antropomorfismo vs. Teriomorfismo

Imagina-se que os antigos fazendeiros tinham bons conhecimentos acerca dos seres vivos e dos fenômenos naturais, mas eles eram guiados por uma atitude pragmática e suas idéias eram um amontoado de crendices. O contato com os animais era restrito, mas a necessidade impunha que eles tivessem toda a atenção voltada para o reconhecimento das diferenças comportamentais e morfológicas de seus cães, cavalos, vacas e cabras; o conhecimento não era isento de imprecisões e julgamentos antropomórficos. A proximidade com as espécies domésticas explicam o uso de vocábulos diferenciadores do sexo e desenvolvimento maturacional (e.g., bode, cabra, cabrito ou cabritinho ou touro, boi, vaca e bezerro); a carne de animais fêmeos (e.g., vaca, galinha e peru) ou jovens (e.g., cordeiro, cabrito e leitão) é sabidamente mais tenra e saborosa e os abates eram realizados o mais rapidamente possível, não por razões humanitárias, mas porque o sofrimento prolongado alterava o delicado sabor da carne (CASCUDO, 1967-68).

Os relatos e julgamentos acerca da natureza dos animais padeciam de dois vícios: *anedotismo* e *antropomorfismo*. O primeiro conceito é derivado de *anékdotos*, a origem da palavra anedota e que geralmente é associada a algo jocoso ou engraçado. Trata-se de relatos oriundos de “fontes confiáveis” (fazendeiros, autoridades legais ou donas-de-casa) acerca de episódios históricos ou descrições de supostas habilidades cognitivas dos animais. Anedotismo também é sinônimo de “Espírito Santo de orelha”, expressão em desuso e outrora circunscrita ao ambiente escolar (cola que os estudantes murmuravam aos colegas nos exames e provas)². A saborosa expressão está relacionada aos pombos e relembra as animosidades entre católicos e maometanos. Ela originou-se de um episódio descrito na obra de Jacopo de Varazze (c.1229-98), arcebispo de Gênova e autor de uma obra sobre a vida dos santos (*Legenda aurea*, c.1253-70)³. Conta-se que um clérigo bastante conhecido se retirara de Roma, movido pela insatisfação por não ter atingido as honrarias que ele julgara ser merecedor.

² Retalhos de um adagiário. *Revista Lusitana*, XXVII(1-4): 202, 1928-29.

³ *Legenda aurea – vidas de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

O clérigo começou a atrair as pessoas com embustes e um truque impressionou os sarracenos; ele conheceu o profeta Maomé e teve a idéia de treinar alguns pombos a buscarem alimento nas orelhas deste, dando a impressão que os arrulhos da ave eram conversas do Espírito Santo com o profeta. Após os treinos, ele convocou o poveréu e disse que queria saber a quem o Espírito Santo iria se revelar em forma de um pombo; todos ficaram interessados na história e logo se formou uma multidão. O clérigo solta o pombo treinado no meio da multidão, a ave localiza os ombros de Maomé e começa a bicar o interior de seus canais auriculares, dando a impressão que os arrulhos eram mensagens de Deus. O truque impressionou os circunstantes e fez aumentar a influência do Islamismo.

Foi o “Espírito Santo de orelha” que alimentou a antropofagia pandêmica entre a indiada e relatos acerca das guerreiras amazonas, mulheres alvíssimas e desmamadas que tantas dores de cabeça ocasionaram aos exploradores do Brasil. Conforme descreve o documento elaborado pelo frei dominicano Gaspar de Carvajal, o encontro com as amazonas ocorreu no dia 24 de Junho/1541 na foz do rio Janundá. Os espanhóis estavam em busca de um lugar seguro para o descanso, mas deram de cara com os “súditos e tributários” das amazonas. Os índios combateram ferozmente, pois eram vigiados por dez ou doze dessas mulheres; ao menor sinal de covardia, eles eram mortos a pauladas pela mulherada. As amazonas eram lideradas pela rainha Canhori, elas possuíam riquezas fabulosas e cobravam pedágio daqueles que atravessavam suas terras. Frei Carvajal contou que seus compatriotas enfrentaram cerca de dez a doze mil guerreira desmamadas e seus relatos serviram de Espírito Santo de orelha para o franciscano Andre Thevet (1502-90)⁴.

Os relatos anedóticos são susceptíveis aos exageros, principalmente no que diz respeito à percepção extra-sensorial, provas testemunhais acerca da existência dos UFOs e, é claro, habilidades cognitivas dos animais. Por outro lado, antropomorfismo é a atribuição de sentimentos, emoções ou motivações aos animais, tendo como referência os estados subjetivos do próprio observador. Os exageros não resistem a uma análise crítica, tal como ocorre com as explicações fornecidas por um informante de Eurico Santos (1945) acerca dos lobos guarás que se reuniam aos pés de Jaracatiá – eles uivavam incessantemente, “implorando” a queda dos frutos, embora os canídeos sejam apreciadores de carne. Tudo indica que o informante era leitor contumaz das fábulas de Jean de La Fontaine (“A raposa e as uvas”, Livro III), mas Santos informou que os cães também uivam, especialmente nas noites de luar, e adicionou mistifórios de sua própria lavra:

⁴ *As singularidades da França Antártica*. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e EdUSP, 1978.

Seria curioso e instrutivo indagar por que os cães e seus remotos parentes uivam? E por que uivam sobretudo nas noites de luar. Zeli, que estudou os sentidos na série animal, diz que cães e lobos, possuidores, como são, de uma visão péssima, sentem-se impressionados por aquele corpo branco suspenso no espaço, e como o seu olfato nada lhes pode dizer, sentem-se excitados e uivam. O guará, que tem boa visão e medíocre olfato, uiva porque o vê e não pode alcançar. Em ambos o uivo é manifestação de pesar, quiçá dum desejo irrealizado. Os cães domésticos além do uivo, que poucas vezes usam, sabem ladrar, faculdade que podem perder quando isolados do homem. Isso bem prova que o ladrar do cão é uma tentativa de linguagem (SANTOS, 1945; p. 203).

Os guarás uivam nas noites de luar em razão do desejo irrealizado de tocar o satélite? Os cães “desaprendem” a ladrar quando se afastam de seus donos? Esses absurdos revelam os riscos de interpretações do comportamento dos animais, tendo como referência os estados subjetivos de uma pessoa (antropomorfismo). Os animais vivem num mundo sensorial próprio (*umwelt*) e somente a imaginação fértil ou a simples ignorância é capaz de ignorar a história filogenética das espécies. O viés antropomórfico explica o aspecto físico e os estados subjetivos de seres divinos ou extraplanetários, embora seja implausível que tais criaturas se assemelhem aos seres humanos.

A linguagem teriomórfica segue caminho inverso ao antropomorfismo, pois é a utilização de características dos animais (aspecto morfológico e supostos estados subjetivos) para descrever o comportamento, traços de personalidade ou motivações de uma pessoa. Um exemplo marcante desse artifício lingüístico é encontrado num livro sobre a história do achamento do Brasil. É o primeiro livro dessa natureza, escrito por Frei Vicente do Salvador (1564-c.1639), franciscano e genuíno filho da terra. Frei Vicente lançou críticas aos procedimentos adotados pelos colonizadores, ocasião em que nos presenteou com um comentário inesquecível: os portugueses eram bons conquistadores, mas a negligência os impedia de fazer pleno proveito de suas conquistas, pois eles se contentavam em “arranhar as costas do Brasil como se fossem caranguejos”.

Análise fraseológica

A análise da nossa fraseologia foi baseada em dicionários (*Michaelis – Moderno dicionário da língua portuguesa*, 1998; *Novo Aurélio século XXI*, 1999;

Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2001) e obras sobre o folclore brasileiro (CASCUDO, 1954; CABRAL, 1982; NASCENTES, 1986); obras escritas em outros idiomas foram consultadas para fins comparativos⁵. A simbologia judaico-cristã é rica em comparações envolvendo os animais e, portanto, a ela recorreremos para compreender a origem de certas expressões populares⁶. Uma versão dos resultados foi apresentada num congresso internacional de Psicologia Comparativa (ver: BERNARDI & GUERRA, 1994a,b; GUERRA & BERNARDI, 1994a,b).

I. Substantivos e adjetivos. Foi constatado que a população brasileira utiliza várias palavras (substantivos, adjetivos e plurais ou coletivos) derivadas do nome de animais. Elas são utilizadas para designar o comportamento ou as ações, a morfologia ou aspecto físico, o caráter ou traços de personalidade, a inteligência ou a suposta capacidade mental de uma pessoa. O número de espécies é bastante reduzido, tendo em vista a diversidade faunística, mas é suficiente para uma análise comparativa e funcional. De modo geral, as aves emprestam suas propriedades para designar uma pessoa de voz melodiosa ou de poder sedutor (rouxinóis, canarinhos e cisnes), bem como servem para designar um rapaz vaidoso e com ares donjuanescos (“frango de botica”). Uma curiosidade é a associação de *Capra hircus* e *Bos taurus* com a menstruação (*bode* ou *estar de boi*), uma clara alusão aos antigos sacrifícios desses animais nos rituais religiosos. Outros exemplos são mencionados na Tabela 1.

A morfologia de um animal serve para designações chulas dos órgãos sexuais, como *perereca* (vagina) ou *cobra* e *minhoca* (pênis). As aves são modelos preferidos para tais propósitos, como demonstram as palavras *periquita* e *pomba* ou *pombinha* (vagina) e *ganso*, *peru*, *pinto* e *rola* ou *rolinha* (pênis); o diminutivo serve para designar os órgãos sexuais de um indivíduo jovem, menino ou menina. No idioma inglês existem vocábulos parecidos, como *cock/galo* (pênis) e *chicken/frango* (garoto homossexual), mas parece que camundongos são os animais preferidos, como atestam certos vocábulos e expressões: *mouse* ou *trouser mouse* (pênis), *mouser* (vagina ou homossexual masculino) e *to mouse* (intercursos sexuais ou envolvimento em longas carícias amorosas, “amassos”); o dispositivo utilizado para a captura de pequenos roedores é *mouse trap* (algo equivalente a “camundongueira”), que também serve para designar as partes pudendas da anatomia feminina.

⁵ *The concise Oxford dictionary of proverbs*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1982; *Oxford dictionary of modern slang*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1993; *Dictionary of American slang*. Nova York: HarperCollins Pub., 1995; *Random House historical dictionary of American slang*. Nova York: Random House, 1997.

⁶ *Bíblia Sagrada – Edição Ecumênica*, 1986; *Alcorão Sagrado*. São Paulo: Centro de Divulgação do Islam Para a América Latina, 1989; *Oxford companion to the Bible*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1993; *Torá – a lei de Moisés*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda., 2001

Tabela 1

Exemplos de animais utilizados pela população brasileira para designar o comportamento ou ações, a morfologia ou aspecto físico, o caráter ou personalidade e supostos atributos mentais de uma pessoa.

I. Comportamento ou ações

ARAPONGA: pessoa de voz estridente, que fala alto ou aos gritos.
CAMALEÃO: aquele que muda de atitude, de acordo com as circunstâncias.
FORMIGA: pessoa diligente, econômica ou laboriosa.
LESMA: pessoa lenta, sem vivacidade ou que demora a tomar decisões.
PAPAGAIO: tagarela ou alguém que repete o que ouviu ou leu, sem entender.

II. Morfologia ou aspecto físico

CAMARÃO: pessoa de pele avermelhada, resultante da ação dos raios solares.
CORUJA: mulher feia e de idade avançada.
JABURU: homem feio, esquisito e de aspecto tristonho.
LAGARTIXA: pessoa magra e feia, especialmente mulher.
TANAJURA: mulher de nádegas volumosas e de quadris finos.

III. Caráter ou personalidade

ABUTRE: usurário ou alguém que deseja a morte de outrem para se apossar de seus bens.
CARAMUJO: homem introvertido ou de índole arredia.
PIRANHA: prostituta ou mulher de hábitos lascivos.
SABUJO: indivíduo bajulador, servil.
VÍBORA: pessoa má, traiçoeira ou dissimulada.

IV. Inteligência ou capacidade mental

ASNO: homem grosseiro, estúpido ou pouco inteligente.
LINCE: aquele que enxerga antecipadamente as coisas, muito inteligente ou perspicaz.
PATO: simplório, tolo, parvo ou homem pouco inteligente.
RAPOSA: pessoa matreira ou astuta.
ZEBRA: pouco inteligente, bronco e azêmola.

V. Múltiplos significados

CASCABEL: mulher faladeira ou intrigante; pessoa traiçoeira e falsa.
LOBO: homem perverso ou de maus instintos; solitário e avesso ao convívio social.
MACACO: excessivamente feio; astuto, artiloso e finório; homem que imita os outros.
TOUPEIRA: pessoa de olhos pequenos ou piscos; estúpido e ignorante.
URSO: homem pouco sociável; feio e deselegante ou que é alvo de zombarias.

VI. Indefinido ou ambivalente

BAGRINHO: operário pouco qualificado e que não usufrui as garantias legais.
CAPIVARA: morador de área ribeirinha.
MARIMBONDO: designação dada aos brasileiros à época da Independência (1822).
MINHOCA: nativo ou morador de um lugar.
PERIQUITO: partidário do movimento Integralista.

As peculiaridades da fraseologia teriomórfica não se esgotam por aqui: diferentes animais às vezes são utilizados com o mesmo propósito, da mesma forma que espécies idênticas servem a diferentes propósitos. No último caso, o fenômeno está relacionado ao sexo do animal (e.g., 1. *bicho*: pessoa rude ou habilidosa numa tarefa; *bicha*: homem afeminado ou mulher de mau gênio; 2. *peru*: namorado ridículo, alguém que gosta de dar palpites ou o órgão sexual masculino; *perua*: prostituta ou mulher que se veste com cores exageradas), grau de maturidade ou desenvolvimento (e.g., 1. *bode*: homem excepcionalmente feio ou de hábitos libidinosos; *cabrito*: menino ou mulato, pessoa de tez morena; 2. *galo*: valentão ou homem de temperamento agressivo; *frango*: rapazola ou homem afeminado, homossexual; *pinto*: criança ou o pênis) ou uso do referencial na forma diminutiva ou aumentativa (e.g., 1. *bagre*: homem muito feio; *bagrinho*: operário pouco qualificado ou não sindicalizado; 2. *pomba*: pessoa pacífica, sem maldade; *pomboca*: moleirão, incapaz; 3. *macaco*: homem excepcionalmente feio ou dado às imitações; *macacão*: manhoso, finório ou astuto; 4. *vaca*: prostituta ou mulher de hábitos condenáveis; *vacão*: homem inútil, mandrião ou palerma).

A integridade física dos órgãos sexuais também determina o significado da fraseologia, como as palavras *ouro* (homem forte e viril) vs. *boi* (marido traído ou meretriz) e *porco* (indivíduo de má índole ou pouco afeito aos hábitos higiênicos) vs. *capado* (indivíduo covarde, frouxo ou muito gordo). Outra curiosidade é o uso de diminutivos para algo que já se encontra na forma diminutiva (e.g., *filhotinho*, *cabritinho*, *bezerrinho* e *bacorinho*), fenômeno que revela o sentimentalismo em relação aos animais imaturos, especialmente aqueles que passaram por um longo processo de domesticação. Um historiador apontou que o sufixo *inho* é uma peculiaridade na nossa cultura, ressaltando que esta “é a maneira de fazê-las mais acessíveis aos sentidos e também de aproximá-las do coração” (DE HOLANDA, 1936; p. 148), mas a verdade é que encontramos algo equivalente no idioma inglês: *pup/puppy* (filhote/filhotinho) e *kit/kitten* (gatinho). O uso de tais diminutivos é circunstancial e visa tornar o diálogo mais “afetuoso”, mas não significa necessariamente uma atitude positiva em relação aos animais.

Certas frases e expressões populares têm como referência animais indeterminados (e.g., *besta*, *bicho*, *fera* e *quadrúpede*), espécies extintas (*dinossau-ro* e *mastodonte*) ou criaturas mitológicas (e.g., *esfinge*, *sátiro* e *minotauro*). Embora a classe Mammalia seja pouco representativa, em termos numéricos, mamíferos de grande porte (ordens Artiodactyla, Perissodactyla e Carnivora) foram os animais mais utilizados nas comparações teriomórficas. Algo específico e que revela a importância dos equinos é o uso das palavras *burro* (indivíduo de pouca inteligência) e *mula* (indivíduo que transporta drogas ou espertalhão e dissimulado); existe até o gênero masculino *mulo*, que designa o homem forte,

viril e que teve várias mulheres, mas não deixou filhos. Esses animais são híbridos decorrentes dos acasalamentos de cavalo e jumenta ou de jumento com égua, resultando em indivíduos geralmente inférteis e com tamanho dos cavalos e resistência dos jumentos.

Algumas palavras descrevem o conjunto de animais, como *formigueiro* (grande quantidade de pessoas ou multidão), *jericada* (tolices ou idéias absurdas) e *macacada* (a turma, os amigos ou os membros da família); palavras desse tipo também servem para designar moradias e edificações: *chiqueiro* (lugar insalubre, abandonado e sem condições higiênicas), *pombal* (conjunto de habitações populares, apertadas e com muitos moradores, como o local onde os pombos se recolhem à noite) e *pulgueiro* (cinema popular ou de baixa categoria). Interessante também é *cabeça-de-porco* (cortiço ou prédio insalubre composto por vários apartamentos), alusão a uma estalagem situada à rua Barão de São Felix, no Rio de Janeiro, e que abrigava moradores de natureza indesejável (ladrões, assassinos, prostitutas e capoeiras). A cidade estava se modernizando e o prefeito Candido Barata Ribeiro (1843-1910) deu início às demolições dos incontáveis cortiços que enfeivavam a cidade (ver: FREYRE, 1936; CRULS, 1965; *Dicionário Houaiss*, 2001).

Algumas designações toponímicas são estapafúrdias, mas elas lembram os animais e as atividades exercidas pelos cariocas. São exemplos a Cova da Onça, Morro do Mata-Cavalos e Largo do Matadouro, onde ocorriam os abates do gado; a Travessa Mata-Porcos estava situada no centro da cidade e, como o nome sugere, era lá que existia um estabelecimento para o abate de porcos (DE LOS RIOS, 1946). As estalagens abrigavam muitos moradores pobres e somente com muita paciência a conhecida “cabeça de porco” veio abaixo (1893); os abatedouros desprezavam as cabeças dos animais, mas elas forneciam os elementos (língua, orelhas e miolos) que davam sabor e substância às feijoadas que alimentavam a malta. É interessante notar que o déficit habitacional ainda persiste, mas os pobres encontravam nova solução para o problema: a favelização. Quem deseja conhecer como era a rotina dos moradores das cabeças-de-porco deve examinar a obra de Aloísio de Azevedo (*O cortiço*, 1890).

O teriomorfismo se encontra bastante presente na fraseologia e revela aspectos da nossa cultura. De acordo com a Tabela 2, a maior parte das comparações teriomórficas envolve o uso de substantivos (76,2%), seguido de adjetivos (17,9%) e plurais ou coletivos de animais (6,0%). Os animais pertencentes à classe Mammalia (n= 215 ou 47,5%) se destacam visivelmente e representam quase a metade do montante.

Tabela 2

Distribuição (frequência e porcentagem) de palavras derivadas do nome de animais utilizadas pela população brasileira para designar uma pessoa ou descrever características humanas, de acordo com a classe zoológica dos animais que servem como referência.

CLASSES	SUBST	ADJET	PLUR COL	&	TOTAL
MAMMALIA	154(71,6%)	48(22,3%)	13(6,1%)		215(47,5%)
AVES	75(86,2%)	10(11,5%)	2(2,3%)		87(19,2%)
INSECTA	28(63,6%)	7(15,9%)	9(20,5%)		44(9,7%)
REPTILIA	17(73,9%)	6(26,1%)	-		23(5,1%)
PISCES	18(94,7%)	-	1(5,3%)		19(4,2%)
ARACHNIDA	3(42,9%)	4(57,1%)	-		7(1,5%)
CRUSTACEA	5(71,4%)	2(28,6%)	-		7(1,5%)
GASTROPODA	5(83,3%)	1(16,7%)	-		6(1,3%)
BIVALVIA	2(100%)	-	-		2(0,4%)
AMPHIBIA	2(100%)	-	-		2(0,4%)
OLIGOCHAETA	1(50,0%)	-	1(50,0%)		2(0,4%)
CHILOPODA	1(100%)	-	-		1(0,2%)
HIRUDINEA	1(100%)	-	-		1(0,2%)
MITOLÓGICO*	17(100%)	-	-		17(3,8%)
EXTINTO*	2(100%)	-	-		2(0,4%)
INDEFINIDO*	14(77,8%)	3(16,7%)	1(5,6%)		18(4,0%)
TOTAL	345(76,2%)	81(17,9%)	27(6,0%)		453(100%)

(*) Exemplos de animais mitológicos, extintos e indefinidos: *sereia*, *dinossauro* ou *mastodonte* e *quadrúpede*, respectivamente (Fonte: BERNARDI & GUERRA, 1994ab; GUERRA & BERNARDI, 1994ab).

II. A valorização dos animais. Algumas espécies são bastante mencionadas na Bíblia e no Corão, em razão do valor utilitário e de certas peculiaridades comportamentais. Os bovinos proporcionam carne, leite e couro para as vestimentas; eles eram utilizados no transporte de cargas, aragem do solo e os fazendeiros se encantavam quando os conduziam aos apriscos (Surata 16:3-9); o homem é instado a reverenciar a obra de Deus (plantas e animais) e, a julgar pelas descrições do Corão, alguns itens de origem animal são encontráveis no Paraíso – rios que conduzem leite de sabor inalterável ou mel purificado (Surata 47:15). Os equinos geralmente são mencionados de modo favorável, mas a insolência verbal é comparada ao zurro dos asnos, “o mais desagradável dos sons” (Surata 31:19).

Jumentos, asnos ou burricos (*Equus asinus*) simbolizam paz e mansuetude na tradição cristã, diferentemente dos cavalos que às vezes eram utilizados nas batalhas e conquistas territoriais. Duas circunstâncias especialíssimas contribuíram para a boa imagem desses animais: 1) durante a atribulada viagem à Belém, nos últimos estágios da gravidez, Maria foi gentilmente transportada por um jumentinho, e 2), por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém, no Domingo de Ramos, Jesus veio montado num jumentinho ou jumentinha, de acordo com as versões (Mt 21:7 e Jo 12:14). Os anjos são criaturas espirituais (informes e incorpóreas), mas, no imaginário popular, eles pertencem ao sexo masculino e são criaturas aladas; o livro das Revelações sugere que eles até contam com uma cavalaria celestial para o cumprimento de suas missões terrenas (Apc 19:11-14; ver também Ez 1:4-25).

Porcos e cães não despertavam as simpatias dos judeus e muçulmanos, diferentemente das aves columbiformes (pombas e rolinhas) que às vezes eram comparadas ao próprio Espírito Santo (Mt 3:16 e Mc 1:10). Certos produtos de origem animal eram valorizados, em razão da durabilidade e valor nutricional, como a farinha de peixe e o mel das abelhas; outros itens eram utilizados com propósitos medicinais ou tinham serventia na iluminação do ambiente doméstico (óleo de baleia). O queijo preparado com o leite das cabras era algo especialíssimo, pois somava o valor nutricional e a durabilidade ao deleite sensorial da gustação – era uma fina iguaria. Em certo momento, o processo de elaboração do queijo era comparado às ações de Deus sobre o ser humano: “... Não me mugistes como leite, e como o queijo me coalhaste” (Jo 10:10). Também é interessante examinar os conselhos dados pelo pai de Davi, a fim de que este pudesse atingir as boas graças das autoridades: “... e levarás também esses dez queijos para o seu tribuno” (1 Sam 17:18). Os registros apontam que bodes e cabritos eram utilizados na condução das ovelhas (Jer 50:8), eles suportavam bem o tratamento rude e os donos dos rebanhos ou as lideranças eram chamadas de “bodes” (Zac 10:3).

Os caprinos servem de inspiração para a fraseologia do homem nordestino. Eles produzem leite saboroso e nutritivo, de modo que as crianças às vezes eram amamentadas diretamente nos úberes fartos das cabras, como foi registrado pelo inglês Henry Koster (1793-1820)⁷. O fenômeno explica porque as cabras eram chamadas de *comadres*, uma referência às mulheres que intercambiavam os filhos ou emprestavam as mamas para o aleitamento dos filhos de mães debilitadas, inexperientes ou mocinhas demais. Por seu turno, as mulheres lactantes eram conhecidas como *cabras* e, para evitar confusões, os anúncios de venda, publicados nos jornais, especificavam que os negócios envolviam *cabras-bicho*, não *cabras-mulher* (FREYRE, 1936; CASCUDO, 1954).

⁷ *Travels in Brazil*. Carbondale e Edwardsville: Southern Illinois University Press, 1966.

Os caprinos foram os primeiros animais domesticados em grupo (cerca de 10.000 anos atrás) e importância se revela na mitologia e lendas universais (ZEDER & HESSE, 2000; HATZIMINAOGLOU & BOYAZOGLU, 2004; BOYAZOGLU et al., 2005).

Alguns animais são utilizados com propósitos de ressaltar o mau gênio de uma pessoa (répteis e felinos), a beleza ou a voz melodiosa de uma mulher (aves de belas plumagens ou de canto exuberante) e o comportamento rapace (espécies noturnas ou de hábitos oportunistas, como raposas, hienas e abutres). Serpentes e morcegos ocupam lugar de destaque na fraseologia universal e quase sempre estão associados a algo ruim. Interessantemente, os peixes são mencionados de modo genérico, apesar da enorme variedade de espécies, enquanto as sanguessugas merecem comentários detalhados e específicos. Com efeito, a “voracidade” desses vermes é associada ao lado mais vil de uma pessoa (Prov 30:15), embora a importância medicinal das sanguessugas seja conhecida há séculos. A classe Hirudinea abrange mais de 300 espécies e *Hirudus medicinalis* ainda é eficientemente utilizada para estimular a vascularização sangüínea em cirurgias delicadas, como remodelamento facial e reimplantes de órgãos. Outros exemplos de teriomorfismo são descritos na Tabela 3.

Alguns animais não usufruem bom conceito no imaginário popular, em razão do aspecto morfológico ou modo de vida (i.e., o gosto pela escuridão, hábitos oportunistas e “lascividade sexual” – atividade reprodutiva à luz do dia e sem discrição). O Antigo Testamento e o Corão informam que as espécies carnívoras ou comedores de carniça são criaturas impuras, sendo vedado o aproveitamento de suas carnes ou a convivência com tais alimárias. É interessante examinar o aspecto morfológico da Besta: o corpo é de um leopardo, os pés são de urso e a bocarra é de um leão (Apc 13:2); a força descomunal e o terrível aspecto se somam, pois a terrível criatura brama como os leões em busca de carnes humanas (1 Pdr 5:8). Entretanto, o assunto deve ser examinado com cuidado, pois Jesus também é conhecido como o “Leão da tribo de Judá” (Apc 5:5), uma clara alusão à juba vistosa e ao porte elegante do “rei dos animais”.

A valorização das espécies deve ser examinada numa perspectiva ecológica, pois algumas contribuíram positivamente para a sobrevivência do homem, outras eram os agentes causadores de infortúnios (doenças, ataques aos rebanhos e prejuízos às plantações). Os bovinos são espécies polivalentes; eles atenuavam os dispêndios de energia, principalmente no transporte de carga e aragem do solo, e ofereciam carne e leite. O livro dos Provérbios menciona esses animais: “não havendo bois o estábulo fica limpo, mas pela força do boi há abundância de colheita” (14:4). A índole pacífica e o valor utilitário acentuavam a atitude positiva, como ocorre com os filhotes de ovelhas,

os quais serviam até para designar Jesus: o “cordeiro de Deus” (*agnus Dei*); a humanidade é comparada a um rebanho de ovelhas e as pessoas de conduta reprovável eram as ovelhas negras (algo fora do comum).

Tabela 3

Exemplos de nomes de animais utilizados pela população brasileira para designar supostas características positivas ou negativas de uma pessoa.

I. Significado positivo

CANÁRIO: pessoa de voz agradável, que canta ou discursa bem.

CISNE: poeta, músico ou orador notável.

GATA/GATINHA: mulher jovem e bonita; moça graciosa.

PEIXÃO: mulher bonita e de corpo exuberante.

POTRANCA: mulher jovem, provocante ou de corpo bonito e robusto.

ROUXINOL: pessoa de voz melodiosa, que canta bem.

TOURO: homem forte, fogoso e viril.

II. Significado negativo

CROCODILO: falso amigo; hipócrita, traidor.

JARARACA: pessoa de mau gênio ou traiçoeira (especialmente mulher).

ONÇA: pessoa feiíssima; valentão e irascível.

PAVÃO: homem excessivamente vaidoso ou presunçoso.

PORCO: homem que se descuida da higiene; imoral ou que ofende os costumes.

SANGUESSUGA: aquele que explora os outros, geralmente extorquindo dinheiro.

TUBARÃO: empresário que busca avidamente os lucros, sem escrúpulos.

III. Ambivalente ou contextual

ÁGUIA: pessoa de grande talento, perspicácia; velhaco, tratante e espertalhão.

BICHO: homem de grande valor, valente ou corajoso; intratável ou grosseiro.

COBRA: aquele que se destaca numa especialidade; de má índole, falso ou astucioso.

FERA: pessoa que exibe grande conhecimento numa matéria; severo, irascível ou cruel.

GATO: rapaz bonito e atraente; ligeiro e esperto; ladrão ou batedor de carteiras.

LEÃO: homem de grande força e vigor; genioso, intratável ou grosseiro.

PANTERA: mulher bonita e sedutora; pessoa irascível e cruel.

IV. Indefinido

BACORINHO: criança pequena ou ainda de colo.

FRANGO/FRANGA: homem ou mulher muito jovem; rapazola ou mocinha.

GIRafa: pessoa muito alta, não necessariamente de pescoço comprido.

MARISCO: aquele que ama a vida marítima ou que navega por profissão.

MORCEGO: pessoa que tem o hábito de somente sair à noite; guarda noturno.

OVELHA: membro de uma paróquia ou diocese, em relação à autoridade eclesiástica.

URUBU: juiz de futebol; rubro negro ou flamenguista; pessoa que se veste de preto.

Os caprinos ocupam um lugar de destaque na galeria das espécies polivalentes, embora machos e fêmeas não usufruam o mesmo conceito. Como foi examinado anteriormente, o leite de cabra era um produto bastante valorizado, mas os bodes não eram bem vistos; eles eram candidatos aos sacrifícios ou eram enviados ao deserto como forma de expiação dos pecados da comunidade (i.e., *bode expiatório*). A antipatia em relação aos machos era devida à suposta lascividade sexual e detalhes da anatomia facial (i.e., focinho protuberante, barbicha, chifres e “olhar malicioso”). Expressões como *bode preto* e *bode sujo* são utilizadas para designar o próprio Diabo – no idioma inglês, *the cloven hoof*, animal de caso fendido, serve ao mesmo propósito; bodes servem como referência para designar os mulatos, o odor das axilas (*bodum*), marido enganado, maçons e ateus. Curiosamente, os nordestinos utilizam a palavra *cabra* como substantivo masculino e ela serve para valorizar a virilidade masculina: *cabra-macho* ou *cabra-da- peste* (homem valente, destemido ou impulsivo).

Tabela 4

Distribuição (frequência e porcentagem de incidência) de termos derivados do nome de animais utilizados pela população brasileira para descrever supostas características positivas, negativas, ambivalentes ou contextuais e indefinidas de uma pessoa.

CLASSES	POSIT	NEGAT	AMBIV	INDEF	TOTAL
MAMMALIA	18(8,4%)	165(76,7%)	5(2,3%)	27(12,6%)	215(47,5%)
AVES	6(6,9%)	62(71,3%)	3(3,4%)	16(18,4%)	87(19,2%)
INSECTA	2(4,5%)	29(65,9%)	-	13(29,5%)	44(9,7%)
REPTILIA	1(4,3%)	19(82,6%)	1(4,3%)	2(8,7%)	23(5,1%)
PISCES	3(15,8%)	10(52,6%)	-	6(31,6%)	19(4,2%)
ARACHNIDA	-	7(100%)	-	-	7(1,5%)
CRUSTACEA	-	3(42,9%)	-	4(57,1%)	7(1,5%)
GASTROPODA	-	5(83,3%)	-	1(16,7%)	6(1,3%)
BIVALVIA	-	2(100%)	-	-	2(0,4%)
AMPHIBIA	-	2(100%)	-	-	2(0,4%)
OLIGOCHAETA	-	1(50,0%)	-	1(50,0%)	2(0,4%)
CHILOPODA	-	1(100%)	-	-	1(0,2%)
HIRUDINEA	-	1(100%)	-	-	1(0,2%)
MITOLÓGICO	2(11,8%)	12(70,6%)	-	3(17,6%)	17(3,8%)
EXTINTO	-	2(100%)	-	-	2(0,4%)
INDEFINIDO	-	15(83,3%)	3(16,7%)	-	18(4,0%)
TOTAL	32(7,1%)	336(74,2%)	12(2,6%)	73(16,1%)	453(100%)

Fonte: BERNARDI & GUERRA (1994ab) e GUERRA & BERNARDI (1994ab).

Esses comentários ajudam a entender que os animais servem como modelo referencial para transmissão de sentimentos e idéias complexas à respeito de uma pessoa. O número de espécies utilizadas para tais propósitos é bastante reduzido, tendo em mente o número real de espécies existentes, e é mais circunscrito ao grupo dos mamíferos (47,5%) e das aves (19,2%). A linguagem teriomórfica visa mais ressaltar características supostamente negativas de uma pessoa (74,2%), enquanto o significado positivo ou elogioso é bem reduzido (7,1%). A Tabela 4 descreve esses e outros resultados.

A linguagem teriomórfica depende do sexo, estágio maturacional ou grau de desenvolvimento, integridade física dos órgãos reprodutores dos animais e como os substantivos são utilizados (i.e., normal, aumentativo e diminutivo). Outro fenômeno que merece ser examinado é a utilização de espécies próximas com propósitos diferenciados, como ocorre em relação aos canídeos (cães e lobos) e eqüinos (cavalos, jumentos e zebras), bem como a utilização de espécies distantes filogeneticamente com propósitos mais ou menos equivalentes (ver Tabelas 1 e 3).

III. Verbos. Nomes de animais são utilizados como substantivos designativos de pessoas ou de características humanas, mas eles também servem para formação de verbos e substantivos que designam ações ou atitudes de uma pessoa. Os exemplos mais conhecidos são *morcegar* (tirar partido ou explorar alguém ou pegar um bonde em movimento), *urubuzar* (olhar fixamente de modo malévolo ou dar azar) e *arraposar-se* (adquirir as manhas de uma raposa). Essas palavras geralmente são formadas com o acréscimo do sufixo *ar*, como ocorre nos exemplos anteriores, mas também pode ocorrer a adição dos sufixos *em*, *eira*, *ada*, *ice*, *eio* e *ento* ao nome de um animal (e.g., *bestagem*, *raposeira*, *ursada*, *ratice*, *borboleteio* e *pavoneamento*). Em outras ocasiões, ocorrem adições dos prefixos *em* ou *es*, além dos sufixos *ação*, *ar* ou *mento* (e.g., *empombação*, *escabreação* ou *espreguiçamento*). Os exemplos indicam a “incorporação” de características dos animais, mas também pode ocorrer a “remoção” dessas características. São poucos os verbos e substantivos dessa natureza e eles ocorrem com a adição do prefixo *des* e do sufixo *ar* (e.g., *desembezzar*, *desburrificar* e *desasnar*).

Os dicionários brasileiros descrevem a existência de 238 verbos derivados do nome (n= 210 ou 88,2%) ou relacionados ao comportamento dos animais (n= 28 ou 11,8%). Na maioria das vezes, esses verbos estão relacionados a aspectos supostamente negativos das ações ou das atitudes de uma pessoa (76,0%). Os animais foram distribuídos nas seguintes classes: Mammalia (n= 138 ou 58,0%), Aves (n= 47 ou 19,7%), Insecta (n= 24 ou 10,1%), Reptilia (n= 5 ou 2,1%), Amphibia (n= 4 ou 1,7%), Gastropoda (n= 3 ou 1,3%), Pisces (n= 3 ou 1,3%), Crustacea (n= 2 ou 0,8%), Arachnida (n= 1 ou 0,4%) e classe indefinida (n= 11 ou 4,5%; e.g., *animalizar* e *bestificar*).

A maior parte dos verbos e substantivos é derivada do nome de animais pertencentes à classe Mammalia, mais especificamente aqueles pertencentes às ordens Perissodactyla, Artiodactyla e Carnivora – dentre estas, destacam-se os mamíferos domésticos ou espécies de grande porte das famílias Equidae (45,6%; e.g., cavalos, asnos e jumentos), Bovidae (21,1%; e.g., vacas, cabras e carneiros) e Canidae (14,9%; e.g., cães, lobos e raposas).

IV. Anexins, adágios e frases de efeito. Além dos verbos e substantivos, os animais também servem de referência para composição de frases e expressões populares que descrevem o comportamento ou ações, a morfologia ou aspecto físico, o caráter ou personalidade e a inteligência ou discernimento cognitivo de uma pessoa. Trata-se de um recurso fraseológico mais complexo, pois às vezes um detalhe da anatomia de um animal serve para designar as atitudes ou o comportamento de uma pessoa, como *pé de boi* (trabalhador valeroso e disciplinado) e *boca de siri* (guardar segredo). O recurso fraseológico é utilizado para a transmissão de ensinamentos e idéias complexas, quase sempre misturados com certa dose de bom humor. Dois exemplos revelam tais peculiaridades: “um burro conhece sete modos de nadar, mas esquece todos eles quando cai na água” e “você reconhece um burro pelas longas orelhas, um tolo por sua língua comprida”. Outros exemplos são mencionados na Tabela 5.

Os anacronismos, as imprecisões e os atentados ao espírito dos novos tempos são evidentes, mas o recurso fraseológico é bastante funcional no contexto urbano e não indica o nível de relacionamento das pessoas com os animais. A utilidade e o valor funcional são constatáveis nas expressões “no mato sem cachorro” (numa situação difícil) e “de grão em grão, a galinha enche o papo” (uso parcimonioso dos recursos ou valorização do hábito de acumular recursos) e “boi sonso é o que arromba curral” ou “sossego de homem é mulher feia e cavalo capado”. As crenças e os costumes do homem antigo se revelam em outras expressões, como “a raposa perde o cabelo, mas não deixa de comer galinha”; ela encontra um similar na Bíblia: “Pode um etíope perder a cor? Ou o leopardo perder suas manchas” (Jer 13:23).

Certas expressões são encontráveis em outros idiomas, como “os cães ladram, a caravana passa” (não se importar com coisas insignificantes), “a cavalo dado não se olha os dentes” (aceitar de bom grado um presente), “boca fechada não entra mosca” (manter a prudência para evitar dissabores) e “uma andorinha não faz um verão” (SIMPSON, 1982; MIEDER, 1986; NASCENTES, 1986). A imprecisão e a natureza sexista não são exclusividades da nossa fraseologia, pois certas expressões populares (e.g., “sujo como um rato” e “forte como um touro”) e substantivos (e.g., *cadela*, *vaca* e *víbora*)⁸ são encontráveis em outros idiomas e servem aos mesmos propósitos.

⁸ *The encyclopedia of world proverbs*. Nova York: MJF Books, 1986.
Dictionary of American slang. Nova York: HarperCollins, 1995.

Tabela 5

Exemplos de frases de efeito, ditados populares e clichês utilizados pela população brasileira para designar o comportamento ou ações, a morfologia ou aspecto físico, o caráter ou personalidade e supostos atributos mentais de uma pessoa.

I. Comportamento ou ações

Chorar como BEZERRO desmamado: protesto ou choro intenso.
Tirar o CAVALO da chuva: desistir de algo de um intento.
Atirar-se como GATO aos bofes: sofreguidão.
Dormir com as GALINHAS: recolher-se cedo.
Cutucar ONÇA com vara curta: agir sem medir as conseqüências.

II. Morfologia ou aspecto físico

BACALHAU de porta de venda: excepcionalmente magro.
Olho de CABRA morta (ou de PEIXE morto): olhar baixo ou pouco vivaz.
Mais baixo que cu de COBRA: pessoa de baixa estatura.
Pernas de MAÇARICO (ou SARACURA): pernas finas e compridas.
Cabelo de bosta de ROLINHA (similar: ninho de XEXÉU): cabelos crespos.

III. Caráter ou personalidade

Ter sangue de BARATA: frio ou pouco reativo.
Ser mais fino que lâ de CÁGADO: finório ou espertalhão.
Manso como CORDEIRO: pacífico ou amável.
Ser uma POMBA sem fel: pacífico ou gentil.
Ser uma SARNA: indivíduo maçante e impertinente.

IV. Inteligência ou capacidade mental

Cabeça de BAGRE: estúpido, parvo ou pouco inteligente.
Memória de ELEFANTE (oposto: de GALO): memória prodigiosa.
MACACO velho não mete a mão em cumbuca: indivíduo experiente e sagaz.
Ter MINHOCAS na cabeça (ou idéias de JERICO): tolices ou pensamentos absurdos.
Esperto como uma RAPOSA velha: matreiro, experiente e astuto.

V. Sentimentos ou estados subjetivos

Ficar como BURRO olhando para palácio: admiração desmesurada.
Gostar de alguém como CACHORRO gosta de couro: amizade intensa.
Estar como PEIXE n'água (oposto: fora d'água): estar à vontade.
Montar um PORCO: encabular-se, envergonhar-se de algo.
Andar com PULGAS atrás da orelha: desconfiado.

VI. Indefinido ou alguma condição passageira

Não valer dois CARACÓIS: indivíduo insignificante ou sem valor.
Crescer como rabo de CAVALO: abaixar ou decair.
Tosse de GUARIBA (ou de CACHORRO): tosse intensa e ruidosa.
Morrer como um PASSARINHO: findar-se tranquilamente e sem sofrimento.
Como SARDINHA em lata: espremido com outros, como num ônibus lotado.

A nossa análise permitiu constatar a existência de 316 frases envolvendo os animais, conforme pode ser visto na Tabela 6. Algumas expressões utilizam mais de um modelo referencial, como “dizer cobras e lagartos” (lançar improperios ou ataques verbais violentos), “burro como uma toupeira” (excepcionalmente parvo) e “vender gato por lebre” (trapacear nos negócios ou iludir outrem acerca de algo supostamente extraordinário, mas sem valor). As espécies foram agrupadas de acordo com as seguintes classes: Mammalia (n= 156 ou 49,4%), Aves (n= 81 ou 25,6%), Pisces (n= 21 ou 6,6%), Reptilia (n= 19 ou 6,0%), Insecta (n= 12 ou 3,8%), Gastropoda (n= 6 ou 1,9%), Crustacea (n= 5 ou 1,6%), Amphibia (n= 4 ou 1,3%), Arachnida (n= 4 ou 1,3%) e Bivalvia (n= 2 ou 0,6%). Interessantemente, uma pequena parcela dessas frases e expressões populares envolveram criaturas mitológicas (n= 4 ou 1,3%) e animais indefinidos (n= 2 ou 0,6%).

Os animais foram identificados na maioria das vezes, pois eram espécies de grande porte ou pertencente ao grupo dos animais domésticos (e.g., bovinos, caprinos e eqüinos) e outros foram mencionados de modo genérico (e.g., inseto, réptil, besta ou quadrúpede), mas foi possível identificar a ordem ou a família. Por outro lado, foi constatado que as espécies mais utilizadas na fraseologia popular foram: *Equus sp.* (n= 19; asno, burro, cavalo, jericó, jumento e mula), *Canis familiaris* (n= 17; cão, cadela e cachorro), *Bos taurus* (n= 11; touro, vaca, boi e bezerro), *Felis catus* (n= 9; gato e gata), *Gallus domesticus* (n= 8; galo, galinha, frango e pinto) e *Capra hircus* (n= 8; bode, cabra e cabrito).

A licenciosidade popular às vezes promove o surgimento de neologismos ou expressões curiosas, como *bestarel* (besta + bacharel: gíria depreciativa para bacharel), *bicha-louca* (gay ou excessivamente afeminado), *bicho do mato* (pessoa solitária, evasiva ou excêntrica) e *bicho de sete cabeças* (coisa ou tarefa muito complicada, alusão à Besta do Apocalipse). Também foram constatadas referências às criaturas mitológicas, como *voz de sereia* (melodiosa ou sedutora) e *cão Cérbero* (vigilante e atento). Além de animais indefinidos (e.g., *animal*, *bicho*, *besta* ou *quadrúpede*), a fraseologia ainda recorre aos animais utilizados nas investigações experimentais: “ser ou agir como uma cobaia” (submeter-se às manipulações ou aos desejos de outrem).

Cobaia é outro nome do porquinho da Índia (*Cavia porcellus*), espécie dócil e de fácil manipulação, mas é inadequado que a palavra seja utilizada como sinônimo de sujeito experimental. São dois os motivos: o nome do animal (*cobaya*) é de origem indígena e os animais mais utilizados nas investigações biomédicas são camundongos e ratos albinos – os dois ganham a disputa com grande folga! Outros reparos: porquinhos da Índia não são porquinhos, tampouco são oriundos da Índia – são espécies andinas, as quais foram domesticadas com propósitos alimentares.

Tabela 6

Distribuição (frequência e porcentagem) de animais presentes nas frases de efeito, ditados populares e clichês, os quais explicam o comportamento ou ações, morfológica ou aspecto físico, caráter ou personalidade, inteligência ou habilidades cognitivas e sentimentos ou estados subjetivos humanos.

CLASSES	COMPO	MORFO	CARAT	INTEL	SENTIM	INDEF	TOTAL
MAMMALIA	69(44,8%)	26(16,9%)	18(11,7%)	8(5,2%)	12(7,8%)	21(13,6%)	156(49,4%)
AVES	35(43,2%)	31(38,3%)	5(6,2%)	2(2,5%)	1(1,2%)	7(8,6%)	81(25,6%)
PISCES	8(38,1%)	7(33,3%)	3(14,3%)	1(4,8%)	-	2(9,5%)	21(6,6%)
REPTILIA	8(42,1%)	1(5,3%)	7(36,8%)	1(5,3%)	1(5,3%)	1(5,3%)	19(6,0%)
INSECTA	5(41,7%)	5(41,7%)	1(8,3%)	-	-	1(8,3%)	12(3,8%)
GASTROPODA	3(50,0%)	-	2(33,3%)	1(16,7%)	-	-	6(1,9%)
CRUSTACEA	3(60,0%)	1(20,0%)	-	1(20,0%)	-	-	5(1,6%)
ARACHNIDA	4(100%)	-	-	-	-	-	4(1,3%)
AMPHIBIA	1(25,0%)	2(50,0%)	1(25,0%)	-	-	-	4(1,3%)
BIVALVIA	2(100%)	-	-	-	-	-	2(0,6%)
MOTOLÓGICO	3(75,0%)	-	-	-	-	1(25,0%)	4(1,3%)
INDEFINIDO	2(100%)	-	-	-	-	-	2(0,6%)
TOTAL	143(45,5%)	73(23,2%)	37(11,8%)	14(4,5%)	14(4,5%)	33(10,5%)	316(100%)

Fonte: BERNARDI & GUERRA (1994ab) e GUERRA & BERNARDI (1994ab).

Os verbos e substantivos são utilizados para descrever as características supostamente negativas (i.e., ações, aspecto físico, discernimento cognitivo ou estados subjetivos) de uma pessoa. O mesmo fenômeno foi constatado em relação às frases envolvendo os animais, pois a maior parte descreve aspectos negativos (70,9%) – elogios e uso indefinido representam, respectivamente, 10,1 e 19%. Também foi notada a preferência por espécies nativas ou domésticas (83,2%); apenas 16 animais (5,1%) são espécies claramente exóticas (e.g., ursos, crocodilos, elefantes, girafas e leões). Tal como foi constatado nas análises anteriores, os mamíferos foram os animais mais utilizados (49,0%) para compor os anexins, adágios e frases de efeito. Destacam-se as espécies pertencentes às ordens Carnivora (36,5%), Artiodactyla (26,9%) e Perissodactyla (16,7%) – dentre estas, notamos a preferência por mamíferos de grande porte e pertencentes ao grupo dos animais domésticos: Bovidae (23,2%), Canidae (23,2%), Felidae (22,4%) e Equidae (20%).

V. Uma análise mais ampla. Os resultados revelam que os animais mais utilizados na fraseologia brasileira (substantivos, verbos e frases de efeito) pertencem majoritariamente ao grupo dos mamíferos, destacando-se as espécies das ordens Artiodactyla, Carnivora e Perissodactyla. Os montantes de substantivos (n= 453), verbos (n= 238) e frases de efeito (n= 316) foram somados (n= 1007) e a porcentagem de incidência deu origem à Figura 1. Conforme pode ser visto abaixo, cerca de 50% da fraseologia diz respeito aos mamíferos, mas a lista também inclui animais indefinidos ou espécies extintas. Algumas criaturas mitológicas exibem características morfológicas perfeitamente identificáveis (e.g., o cão Cérbero e sátiros capriniformes), mas o número de frases envolvendo-as foi bastante reduzido. Os animais preferidos para compor a fraseologia foram os mamíferos de grande porte e espécies de grande valor utilitário, o que significa duas coisas: a fraseologia não está relacionada à importância dos grupos taxonômicos (os insetos são mais numerosos) e tampouco é condizente com a real biodiversidade.

Como surgem os anexins e as frases de efeito?

Muitas expressões de uso corriqueiro têm suas raízes localizadas na mitologia Greco-romana ou estão assentadas na tradição judaico-cristã, como *calcanhar de Aquiles* e *pomo de Adão*; elas servem para designar certas partes da anatomia humana. Certas expressões são recentes e ainda não foram incorporadas ao vocabulário popular, como *porco chauvinista*; ela foi inspirada no ardor patriótico de Nicholas Chauvin, soldado das tropas de Napoleão que serviu de inspiração para a criação de um dos personagens das peças teatrais dos irmãos Charles e Jean Cogniard (*La Concorde tricolore*, 1831).

O adjetivo chauvinista começou a ser utilizado em meados do século 20, mas o movimento feminista da década de 1970 deu-lhe novo significado e daí surgiu o *porco chauvinista* (o homem que prega a supremacia masculina em relação à feminina)⁹. O nome do admirador de Napoleão deu origem a um adjetivo de significado negativo, mas foi necessário o uso da imaginação para associar o chauvinismo aos porcos.

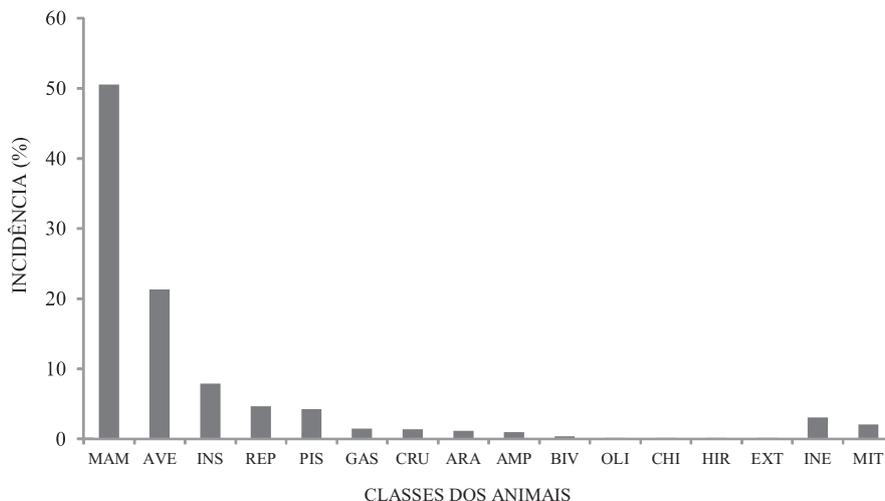


Figura 1

Distribuição (%) dos animais utilizados na formação de substantivos, verbos e expressões populares, de acordo com o grupo taxonômico. Em ordem decrescente: Mammalia, Aves, Insecta, Pisces, Gastropoda, Crustacea, Arachnida, Amphibia, Bivalvia, Oligochaeta, Chilopoda, Hirudinea, espécies extintas, inespecíficas e mitológicas.

Alguns pedantismos germinaram na cabeça da elite intelectual, como *dou-la*, *marqueteiro* e *mídia* (absurdo lingüístico, pois é a forma como a palavra latina *media* é pronunciada no idioma inglês), mas, interessante, certas expressões consagradas pelo populacho exibem bom *pedigree* etimológico. É o caso de “pensando morreu o burro”. Ela é derivada da metáfora utilizada pelo filósofo francês Jean Buridan (c. 1300-c. 58) para explicar as limitações do livre arbítrio. Buridan deu importantes contribuições aos estudos da mecânica, ótica e lógica; ele foi reitor da Universidade de Paris e suas obras foram incluídas no *Index Librorum Prohibitorum* (lista de livros proibidos pela Igreja Católica).

⁹ *The Oxford English reference dictionary*. Oxford e Nova York: Oxford University Press, 1995.

O filósofo contestou a obra de Aristóteles (*de Caelo*) e postulou que o homem sempre busca atingir o ideal, mas nem sempre seus atos são regidos por um julgamento racional. O dilema da escolha moral entre duas opções de valores equivalentes foi ilustrado numa alegoria, “o asno de Buridan”. Trata-se das dificuldades que um animal faminto teria para tomar uma decisão no momento em que se depara com duas porções de alimento, eqüidistantes e simetricamente posicionadas aos lados esquerdo e direito de seu corpo. O imaginário medieval foi transportado para os dias atuais, mas na bagagem veio um pecadilho: Buridan usou um cão para ilustrar seus argumentos!

A metáfora do cão pensante foi utilizada por Dante Alighieri (*Divina commedia*, 1307-21; Paraíso, canto IV), mas de modo variado. Invés de um cão, ele imaginou um homem faminto diante de dois manjares igualmente irresistíveis e alocados em pontos eqüidistantes: a liberdade para escolher qual dos manjares dará a primeira bocada leva-o à indecisão e, conseqüentemente, morte por inanição. Da mesma forma que um cordeiro entre dois lobos igualmente ferozes e famintos sofre um “congelamento” ou um lobo morreria de fome diante de dois gamos igualmente gordos e suculentos. O valor idêntico das porções de alimento e a eqüidistância induziriam o animal a pensamentos sobre qual decisão tomar, mas nenhum cão ou asno morre de fome em tais circunstâncias. Buridan concluiu que nossas decisões ocorrem de modo aleatório ou irracional, o que estimulou os cálculos probabilísticos, inspirou obras literárias e deu origem à expressão “pensando morreu o burro!”

As histórias de “proveito e exemplo” e as fábulas de Esopo (sec. 6AC), Fedro (c.30AC-c.50AD) e do francês Jean de La Fontaine (1621-95) alimentaram a fraseologia universal. As historietas exploram a imagem de animais (lebres velozes, mas imprevidentes vs. tartarugas lentas, mas espertas), as espécies interagem entre si e exibem as virtudes e os defeitos de um ser humano (folia antropomórfica). Na historieta “O olho do dono” (Livro IV)¹⁰, La Fontaine descreve a estratégia utilizada por um cervo espertalhão, o qual buscou refúgio entre as vacas de um rancheiro. Inicialmente, as vacas ameaçaram denunciar o logro, mas o cervo seduziu o rebanho inteiro com a promessa de conduzi-lo aos pastos verdes e férteis que ele dizia conhecer. O papo sedutor surtiu efeito e o cervo encontrou vida fácil. Os empregados aumentaram a distribuição do alimento e o feitor fiscalizava a produção, mas ninguém notava a vistosa galhada que despontava entre as cabeças das vacas. O cervo se refestelava com a forragem, proseava com as amigas e ninguém perturbava seus cochilos. Entretanto, certa ocasião aparece o rancheiro, homem arguto e de “cem olhos”, que vinha fiscalizar os progressos de sua propriedade.

¹⁰ *Fábulas de La Fontaine*. São Paulo: Martin Claret, 2005.

Ele fiscalizou a limpeza das cumeeiras, corrigiu os desperdícios nas manjedouras e se inteirou dos detalhes da produção dos animais. Como seria de se esperar, ele logo enxergou o que o ninguém havia visto: a galhada do cervo espertalhão. O animal é capturado e, mesmo diante de seus choros e esperneios, acaba se transformando num faustoso banquete. La Fontaine encerra a sua historieta, lembrando Fedro: “olhos como o do dono, outros não há vigilantes. Eles só encontram paralelo nos olhos dos amantes”.

A arte de enxergar chifres em cabeça de burro

Relatos exagerados e inverossímeis são os frutos do anedotismo, mas eles recebem outros nomes: *histórias do arco da velha* e *conversa de pescador*. É o modo como surgem as credices, as quais dão origem a expressões como “andar como cobra que perdeu o veneno” (enraivecêr-se ou perder o controle das ações). Acreditava-se que as cobras escondiam o veneno no mato quando bebiam água, zangando-se assustadoramente quando não conseguiam localizá-lo. Elas eram consideradas imortais e ganhavam nova vida quando “rebetavam” o couro; as inofensivas cobras de duas cabeças (lagartos subterrâneos da família Amphisbaenidae que se alimentam de vermes e insetos) suscitavam os maiores temores, pois mordiam igualmente com a cabeça e a cauda.

Em Portugal, acreditava-se que as cobras eram atraídas pelo odor do leite materno e, com efeito, adotavam um procedimento curioso para mamar nos peitos das mulheres. Esses répteis esperavam pacientemente o momento em que elas caíam no sono, metiam a ponta da cauda na boca dos nenéns para impedir o choro e, ato contínuo, mamavam delicadamente. Frei Vicente do Salvador (1564-c.1639) descreveu um episódio envolvendo uma cobra e uma “mulher de crédito” que havia tido recentemente uma criança. Ela residia na capitania de Pernambuco e era visitada regularmente por uma cobra, a qual se aproveitava do silêncio da noite para mamar em seus peitos; a mandriona mamava tão delicadamente que a lactante julgava ser o próprio bebê. Ao descobrir do que se tratava, ela relata a falsidade ao marido, o qual fica à espreita e, na primeira oportunidade, racha a cabeça do réptil com uma vigorosa paulada¹¹.

A literatura explora os mitos e credices acerca dos animais, como o “suicídio” dos escorpiões que serviu de inspiração para os floreios de Lorde Byron (1788-1824). Alguns cientistas submeteram esses artrópodes a diferentes condições, mas não foi constatado que eles eram capazes de atentar contra a própria vida (ver: ROMANES, 1883). Alguns desavisados ainda acreditam nos “suicídios” dos escorpiões, mas outros equívocos são tão evidentes que sequer necessitam de refutação experimental,

¹¹ *História do Brasil 1500-1627*. Belo Horizonte e São Paulo: Editora Itatiaia e EdUSP, 1982.

tal como ocorre com o *nariz de tucano* (referência ao bico da ave) e o “andar para trás como caranguejo” (marcha oblíqua, mas sempre para frente). Outros exemplos serão examinados a seguir.

As sete vidas de um GATO. Antes de qualquer coisa, é importante esclarecer que sete é um numeral “perfeito”. Sete eram as maravilhas do mundo, os mares conhecidos, os pecados capitais e também o número de esferas celestes – o Sétimo Céu era o Paraíso propriamente dito. Deus criou o mundo em seis dias e buscou repouso no sétimo dia, daí os sete dias da semana e o *shabat* dos judeus. Voltando aos gatos: eles são cercados de credices, em razão da beleza física e eficiência predatória; os longos passeios à noite e a agilidade também impressionavam os antigos. Eles eram utilizados no combate aos roedores e insetos que infestavam os depósitos de grãos e cereais. Algumas evidências apontam que o início da domesticação dos gatos ocorreu no Crescente Fértil (região que abrange Egito, Iraque e Israel), cerca de 10.000 anos atrás (DRISCOLL et al., 2009).

Os gatos são muito estimados pelas bruxas, as quais usavam seus préstimos para “sugar” alma de recém-nascidos (OPIE & TATEM, 1989; RADFORD & RADFORD, 1996). As mortes misteriosas de bebês talvez fossem resultantes de enfermidades atualmente bem conhecidas, como o mal-de-sete dias (tétano umbilical) ou a síndrome da morte súbita infantil (imaturidade dos núcleos hipotalâmicos que controlam as funções respiratórias), mas os antigos culpavam o Diabo e as bruxas pelos infortúnios da vida doméstica. As mortes eram coisas triviais, mas as explicações eram complicadas e geralmente envolviam três elementos. Com efeito, o incompetente Anjo Decaído recorria às suas auxiliares, as quais assumiam as formas de um gato e sorrateiramente “sugavam” a alma dos bebês durante o sono. O mundo das trevas aumentava o estoque de almas, enquanto os gatos ganhavam quase imortalidade – limitada a sete vidas ou sete fôlegos. As artimanhas do Diabo são compreensíveis, pois ele é uma criatura diferente dos anjos perfeitos – a expulsão do Céu e a “queda” tornaram-no mais próximo do mundo terreno e ele foi obrigado a recorrer às bruxas e aos animais abomináveis (cães, gatos e morcegos) para atingir seus propósitos.

Os serviços prestados ao mundo das trevas garantiram aos gatos fôlegos adicionais, mas, interessantemente, cidadãos de língua inglesa acreditam que eles foram presenteados com nove fôlegos. Tal credice é constataável em alguns momentos da obra de William de Shakespeare (ver: DYER, 1978). O assunto despertou os interesses de alguns fisiologistas, mas eles logo concluíram que os gatos não dispõem de sete, nem nove fôlegos. Numa série de experimentos, Phillip Bellings (1910) testou a capacidade cardiorespiratória dos animais (exposição ao gás carbônico ou imersões em água fria).

Os resultados não foram satisfatórios, pois ficou evidente que os gatos são mais resistentes que cães, mas só dispõem de “um fôlego”¹². Até as donas-de-casa sabem que eles economizam o único fôlego em longas e infundáveis sonecas e, na verdade, são animais preguiçosos.

A política do AVESTRUZ. Diversas aves da fauna africana e do Novo Mundo são conhecidas pelas belas plumagens e canto melodioso, diferentemente das espécies que compõem as famílias Struthionidae e Rheidae (avestruz e ema). Elas são feias e desajeitadas, prestando-se o nome para designar uma pessoa esquisita ou de reputação duvidosa; “bançar o avestruz” significa a recusa em enxergar o lado desagradável das coisas. Uma expressão popular lembra a marcha desengonçada do animal da nossa fauna: “montado numa ema” (inteiramente bêbado). As avestruzes exibem estruturas morfológicas de uma espécie voadora, mas não voam e desenvolvem velocidade de até 70km/h. Os antigos exploradores acreditavam que elas voavam sem sair do solo e os vôos eram potencializados com o levantar das asas, tal como as caravelas que eram impulsionadas pelos ventos.

Os deslocamentos são desengonçados, mas as aves são extremamente velozes e até existem rodeios de avestruzes; eles desferem coices vigorosos e os “avestruzeiros” conhecem bem a potência dos golpes. O Antigo Testamento classifica as avestruzes como animais impuros, sendo vedado aos judeus o consumo da carne e dos ovos (Lev 11:16 e Dt 14:15). Avestruzes (*Struthio camelus*) e emas (*Rhea americana*) pertencem a grupos taxonômicos distintos: as primeiras são originárias da África, enquanto as emas são nativas da América do Sul e geralmente medem cerca de 1,5m de altura; as fêmeas chegam a pôr 18 ovos, os quais são incubados à noite pelos machos.

A expressão “política de avestruz” foi importada e faz parte da nossa moderna fraseologia. Ela serve para designar a conduta inapropriada dos governantes, principalmente no que diz respeito à inobservância das necessidades da população ou em relação àquilo que nós julgamos ser a conduta de “alguém que não quer ver a realidade”. A origem da expressão é a crença absurda que a ave enterra a cabeça no solo para fugir das intempéries ou dos predadores, embora não disponha de estruturas anatômicas que permitam escavações. Os ingleses também acreditam em tal absurdo, conforme é registrado no *Oxford English Reference Dictionary* (1995)¹³. Em certas circunstâncias, as avestruzes descansam o pescoço comprido no solo, metem a cabeça nas moitas em busca de insetos ou aproximam-na do solo para auscultar vibrações que sinalizem a aproximação de predadores, mas tais ações estão muito distantes daquilo que se entende como a “política do avestruz”.

¹² Retalhos de um adagiário. *Revista Lusitana*, XXVII(1-4): 207, 1928-29.

¹³ Ostrich: a person who refuses to accept facts, from the belief ostriches buries their heads in the sand when pursued.

Estômago de AVESTRUZ. O aspecto morfológico e a marcha pouco elegante alimentaram as crendices acerca das emas e avestruzes; elas levantavam uma das asas para “controlar” as correrias ou “enterravam” a cabeça no solo para fugir das tempestades ou em fuga às ações de um predador – a estratégia não teria nenhum valor adaptativo, pois o corpo do animal ficaria totalmente exposto às intempéries e dificilmente escaparia da bocarra de um predador faminto. Outra frase bem conhecida é “estômago de avestruz”, referência à inacreditável capacidade que a ave teria para fazer proveito alimentar de itens variados, como madeira, pedra e até objetos metálicos encontrados pelo caminho. A dieta alimentar dessas aves é composta por sementes, insetos, lagartos e outros animais de pequeno porte. Alguns itens não-digeríveis são consumidos devido à semelhança com a carapaça de insetos e sementes encontradas pelo caminho, mas são expelidos naturalmente e até facilitam o trânsito do bolo alimentar no longo tubo digestivo.

O assunto despertou os interesses do Barão Cuvier (1769-1832), o qual explicou que a obtusidade das avestruzes era decorrente do paladar e capacidade visual pouco desenvolvidos; as aves geralmente sucumbiam em decorrência de problemas digestivos, acrescentou Cuvier. Não satisfeito com tais explicações, um naturalista brasileiro registrou o comportamento alimentar das nossas emas e concluiu que o consumo de objetos brilhantes é ocasionado pela semelhança com itens de sua dieta, como sementes, caracóis e besouros (DE MAGALHÃES, 1939). Não é verdade que emas e avestruzes comem qualquer coisa que encontram pela frente e tampouco tenham a capacidade de digerir moedas, pregos e cacos de vidro; nada disso tem valor nutricional ou é encontrável no ambiente natural, mas a inacreditável capacidade digestiva dessas aves foi explorada por Shakespeare e Thomas Browne (ver: DYER, 1978; WOOTTON, 1986). Um dos contos de H.G. Wells (*A deal in ostriches*, 1895) descreve o desaparecimento de um valioso diamante e cujo suspeito era uma avestruz.

GAMBÁ cachaceiro. Uma preciosidade da cultura popular é a frase “bêbado como um gambá”. Trata-se de uma injustiça, pois a feiúra, o odor desagradável e a marcha desgraciosa não são motivos para imputar ao animal os vícios da humanidade. Um naturalista brasileiro realizou uma experiência para averiguar se gambás realmente gostam de cachaça – ele deixou a bebida disponível, mas os animais desprezaram a oferenda. Ele postulou que a frase está relacionada ao “hábito sanguinário” desses animais, que supostamente os conduzem aos galinheiros para “matar maior número de vítimas do que poderia comer, só pelo prazer de saciar a fome apenas com o sangue das galinhas” (VON IHERING, 1934; p. 9); após a “orgia”, o animal entra numa letargia e é morto facilmente à cacetadas. A idéia que o sangue das galinhas leva o animal à embriaguez se repete nas obras de outros naturalistas (ver: DE MAGALHÃES, 1939; SANTOS, 1945),

o que revela outro erro – a “embriaguez” é circunstancial e só ocorre durante as orgias nos galinheiros! A história do gambá cachaceiro é decorrente da marcha vacilante do animal, a qual tem certa semelhança com o andar trôpego de um bêbado. Esses pacíficos animais nada têm de sanguinários e não exibem predileções por bebidas alcoólicas!

Boi de PIRANHA. A forte dentição e os hábitos predatórios das piranhas alimentam crendices e promovem o surgimento de filmes de ação. Esses peixes habitam os rios do Brasil e pertencem à família Characidae, do gênero *Serrasalmus*. As piranhas servem de modelo referencial para designar a conduta de uma mulher errante (prostituta, meretriz ou de hábitos lascivos) ou surgem em certas expressões populares, como “boi de piranha” e “rio que tem piranha, macaco bebe água de canudo” (ou “jacaré nada de costas”). No primeiro caso, a metáfora está assentada na semelhança – de acordo com o imaginário popular, é claro – entre os hábitos predatórios do peixe e o apego das mulheres de “vida fácil” ao dinheiro. Empresários e homens de negócios também gostam muito de dinheiro e às vezes são designados *tubarões*, mas comparar as piranhas com as prostitutas é injusto ou inadequado para os dois lados: a voracidade sobrenatural das piranhas só existe na imaginação do homem comum e o dia-a-dia das prostitutas está muito distante daquilo que chamamos de “vida fácil”.

De acordo com Von Ihering (1934), as piranhas são peixes temidos pela indiana e populações que vivem em áreas ribeirinhas. Diz ele: a caça às onças é simples divertimento, a matança de jacarés nada mais que um passatempo e são coisas triviais os encontros com serpentes venenosas, mas o rosto da caboclada “se contrai de horror” quando alguém começa a falar sobre as piranhas. É impossível o banho em certas partes do rio e até os jacarés perdem em voracidade para esses peixes. Os cachorros ribeirinhos conhecem bem o perigo e, com efeito, adotam um procedimento para evitar as dilacerações nos focinhos: eles agitam as águas e fazem o maior alarido possível, atraindo as piranhas para o local, e correm para outro ponto para se dessedentarem com segurança. A voracidade das piranhas é coisa do outro mundo, mas a cachorra-da sabe como lidar com o problema!

Algumas espécies do gênero *Serrasalmus* servem como alimento às famílias ribeirinhas, pois a carne é saborosa e a pescaria pouco dificultosa. A péssima fama das piranhas ganhou relevância a partir dos relatos dos primeiros exploradores que se aventuraram pelo interior do Brasil. Esses peixes vivem nas águas dos rios, atacam em cardume e o nome tupi é uma alusão aos seus dentes afiados (*piraya*). A origem da frase “boi de piranha” é bem estabelecida e tem alguma consistência lógica, embora predominem os exageros e as gabarolices. Conta-se que, durante os deslocamentos da boiada, um boi magro e doente é lançado às águas rio acima; as piranhas se refestelam com o “presente”,

enquanto os boiadeiros e os animais atravessam com segurança as águas do rio abaixo. Outros relatos fantasiosos descrevem os estragos que esses peixes ocasionavam nos órgãos sexuais dos soldados que combatiam na guerra do Brasil com o Paraguai; os índios porrudos, que supostamente viviam no Mato Grosso, andavam completamente nus e traziam os órgãos sexuais numa bolsa de couro cru para evitar ação voraz das piranhas (CASCUDO, 1954). Durante os mênstruos, as mulheres eram especialmente vulneráveis aos ataques das piranhas e, portanto, evitavam os banhos de rios ou de lagoas.

As piranhas atacam em grupo e exibem maior agressividade quando se encontram retidas em poças e lagoas durante a vazante. Elas ficam indóceis com a diminuição dos depósitos de água, ocorrendo canibalismo e exposição dos peixes ao apetite desenfreado dos jacarés (DE MAGALHÃES, 1939). Entretanto, os boiadeiros percebem o perigo e sequer se dão ao trabalho de entregar um boi magro e doente às piranhas – eles simplesmente contornam as poças e lagoas. Uma análise do conteúdo estomacal de duas espécies (*Serrasalmus brandtii* e *Pygocentrus piraya*) revelou a presença de nadadeiras, escamas de pequenos peixes ou camarões, indicando a composição da dieta e a importância das piranhas para o equilíbrio do ecossistema (TRINDADE & JUCÁ-CHAGAS, 2008).

É bem estabelecido que os ataques aos animais de grande porte são raros e resultam em simples mutilações, quase nunca a morte das vítimas. Certa ocasião Von Ihering (1968) se deparou com um fato “desconcertante”: com o intuito de coletar 50 espécimes para seus estudos, ele lançou um cabrito morto às águas de uma lagoa infestada por piranhas. Em pouco tempo o “presente” foi devorado, mas ele notou que os pescadores entravam e saíam das água, tarrafeavam naturalmente e não exibiam nenhum cuidado especial em relação às terríveis feras aquáticas. O fato nada tem de desconcertante, pois as piranhas são oportunistas e não desperdiçam tempo e energia com presas de grande porte. Entretanto, as histórias mirabolantes deram lucros à indústria cinematográfica, como ocorreu com os tubarões e baleias orcas – até os pacíficos gorilas esqueceram os hábitos vegetarianos e, nas telas do cinema, ganharam as formas de gigantes carniceiros! Em defesa das piranhas: os rios do Pantanal e da Amazônia são regularmente visitados por hordas de turistas, pescadores e adeptos dos esportes radicais, sem que tenhamos algum registro das ações das “piranhas assassinas”.

Abraço de TAMANDUÁ. O nome do animal serve para designar alguém apegado ao dinheiro, pão-duro ou avaro; o substantivo também é sinônimo de mentira ou logro. O “abraço de tamanduá” significa deslealdade ou traição, mais ou menos equivalente a *cachorrada*, *crocodilagem* e *ursada*. Os tamanduás são mamíferos do Novo Mundo e a família Myrmecophagidae é composta por quatro espécies e três gêneros: *Myrmecophaga tridactyla*,

Tamandua mexicana, *Tamandua tridactyla* e *Cyclopes didactylus*. A espécie mais vistosa é o tamanduá bandeira (*M. tridactyla*), assim conhecida por sua longa cauda que se assemelha a uma bandeira; eles dormem enrodilhados como os cães e usam a cauda como se fosse uma manta. O tamanho parece ser enorme (cerca de 2m, da cauda ao focinho tubular), mas o peso corporal de um macho adulto raramente ultrapassa 30kg. A alimentação é composta essencialmente por formigas e cupins (90% da dieta) e os animais usam as enormes unhas enormes para escavar os formigueiros e cupinzeiros, os quais são localizados com o olfato apuradíssimo. A língua chega a ter 60cm de comprimento e é movimentada até 150 vezes por minuto; as glândulas salivares hipertrofiadas produzem uma saliva viscosa que retém os insetos – um tamanduá adulto chega a consumir 30 mil formigas por dia (NOWAK, 1991; REISS, 2000).

O tamanduá bandeira exhibe locomoção lenta e desajeitada, as unhas se voltam para trás durante a marcha quadrupedal e uma pessoa caminhando é capaz de acompanhar seus galopes. Ele evita os encontros agonísticos e é facilmente capturável pela cauda, como atestam os pesquisadores e membros da Polícia Ambiental que atuam em prol da preservação desses estranhos e pacíficos animais. Não existe nenhum registro fidedigno que uma pessoa tenha encontrado a morte nos braços de um tamanduá, mas é bem estabelecido que as elevadas taxas de mortandade colocam os tamanduás na lista das espécies ameaçadas de extinção. Eles são vítimas de atropelamentos, caça para fins ornamentais (confeção de tapetes) e redução do habitat, consequência dos desmatamentos e ampliação das áreas dedicadas aos agrogócios. As unhas são impressionantes, mas são estruturas adaptadas para escavações de formigueiros e cupinzeiros, diferentemente das garras dilacerantes dos felinos e das aves de rapina.

O “abraço de tamanduá” foi alimentado por uma anedota. Conta-se que os colonizadores portugueses desembarcavam dos navios e encontravam a indiada de braços abertos, em sinal de amizade. É uma história implausível, pois o desembarque dos europeus deveria suscitar espanto ou temor e os cumprimentos da indiada ocorriam de modo bem diferente. Deixando de lado esses inconvenientes, os relatos descrevem que um português desembarcou do navio e, ao encontrar um tamanduá de braços abertos, ele o confundiu com um nativo. Ao abraçá-lo afetuosamente, o bichano crava-lhe as unhas e o pobre coitado encontra a morte (VON IHERING, 1934; NASCENTES, 1986). Os relatos sobre a *causa mortis* são confusos, pois uns informam que o portuga morreu asfixiado (sim, é isso mesmo!), outros informam que ele teve as carnes dilaceradas.

Os tamanduás evitam a proximidade com os humanos e ao menor sinal de perigo, eles correm desajeitadamente em fuga. Alguns exploradores mais afoitos relataram que até onças encontraram a morte nos braços do tamanduá –

o animal sucumbe aos ataques, mas ainda encontra forças para desferir o seu “abraço mortal”. A história é ainda mais implausível, levando em conta as estruturas especializadas (forte denteição e garras que permitem a retenção das presas) e a massa corporal de uma onça (57-113kg).

Lágrimas de CROCODILO. As antipatias em relação aos répteis são intensas e o fenômeno é registrado na fraseologia universal. As histórias são antigas, pois o próprio Satã assumiu as formas de uma serpente para induzir Eva a provar o fruto da Árvore do Conhecimento. O réptil foi amaldiçoado, passou a se locomover com o ventre no solo e foi condenado a comer terra todos os dias de sua vida (Gen 3:1-14); foi assim que nasceu a eterna inimizade entre as cobras e as mulheres. Os crocodilianos também ocupam lugar de destaque no bestiário popular, em razão da suposta índole malévola e modo peculiar como dão fim às suas presas; eles nada teriam da bondade do Criador, mas derramam lágrimas quando devoram as carnes de cristãos desavisados. O naturalista Carolus Linneaus (1707-78) não gostava desses formidáveis répteis, a julgar pelo modo como eles foram descritos: “criaturas abomináveis devido ao sangue frio, coloração pálida, esqueleto cartilaginoso, pele imunda, aspecto feroz, olhar calculista, cheiro ofensivo, vocalização desagradável, habitat miserável e terrível veneno; eis os motivos que levaram o Criador a não permitir a proliferação dos crocodilos” (In: TULIN, 1995; pp. 163-64, tradução do autor). Os dragões matavam suas vítimas com o odor fétido das entranhas e expeliam chamas pelas ventas; o combate a tais criaturas deu fama a alguns santos da Igreja Católica, mas provavelmente eram os crocodilos do Nilo (*Crocodylus niloticus*).

O “choro copioso” dos crocodilos ocorre quando os dentes da impressionante bocarra retêm presas de grande porte (e.g., antílopes, búfalos e zebras). Trata-se de um fenômeno de natureza fisiológica: as glândulas lacrimais e os movimentos da membrana nictitante (o “segundo olho”) permitem a lubrificação e a limpeza dos olhos, mas a produção de lágrimas não ocorre unicamente em momentos de “grandes emoções”. As primeiras descrições acerca do “choro” dos crocodilos surgiram na França (no século 13), ocasião em que o monge franciscano Bartholomaeus Anglicus discorreu sobre o modo de ação desses répteis – o animal captura a sua presa, nas águas ou nos rochedos, mata-a violentamente com seus dentes afiados e põe-se a lamentar com lágrimas copiosas, especialmente se a vítima é um cristão. No século seguinte, os relatos de Sir John de Mandeville (*The voyage and travels of Sir John Mandeville, Knight*, 1366)¹⁴, personagem misterioso que supostamente falecera em Liege em 1372, também contribuíram para o fortalecimento dessas idéias; Shakespeare bebeu as águas dessa fonte e alguns naturalistas “testemunharam” a veracidade do inusitado fenômeno.

¹⁴ *Benedeit y Mandeville – Libros de maravillas*. Madrid: Ediciones Siruela SA, 2002.

Os crocodilos são vistos como animais traiçoeiros e hipócritas – *crocodilagem*: traição ou deslealdade. A maior espécie atinge 6m de comprimento (*Crocodylus porosus*, espécie nativa da Índia, Indonésia e Austrália) e são descendentes dos Archossauros, répteis que predominaram cerca de 190 a 65 milhões de anos atrás. Eles despendem a maior parte do tempo escondido nas águas lamacentas dos rios e espreitam a superfície com os olhos acima da água. A poderosa dentição imobiliza a vítima, enquanto eles rotacionam vigorosamente o corpo para deixá-la atordoada e acelerar a morte; crocodilos jovens apenas mordem as vítimas e as mortes sobrevivem mais em decorrência de infecções ocasionadas pelas bactérias que habitam suas bocarras.

O aspecto físico, os hábitos carniceiros e a vida nos charcos contribuíram para péssima fama dos crocodilianos, mas Aristóteles (384-22AC) descreveu que eles são capazes de atitudes gentis, especialmente em relação aos troquilídeos, aves de pequeno porte e dotadas de bicos compridos, como o beija-flor. De modo geral, os répteis exibem dificuldades para manutenção da temperatura corporal e, portanto, despendem uma boa parte do tempo tomando banho de sol. Nessas ocasiões, os crocodilos mantêm a bocarra aberta e as avezitas se refestelam com os restos de alimento retidos entre os dentes de seus “clientes”. É algo que traz benefícios para ambas as partes e a cena causa forte impressão aos fotógrafos da vida animal. Aristóteles “penetrou” na mente dos animais e adicionou comentários favoráveis aos crocodilos: as avezitas não temem nenhum ato traiçoeiro, pois seus “clientes” se mantêm imóveis o tempo necessário e emitem movimentos da cabeça, sinalizando que já se sentem livres dos incômodos e que em seguida irão fechar a poderosa bocarra. O fenômeno não é incomum, pois tubarões também são beneficiados pelo comportamento oportunista de minúsculos peixes, os quais adotam estratégia semelhante para obterem alimento farto e gratuito.

Os ELEFANTES e o pescoço das mulheres. A ordem Proboscidea é composta pelas espécies *Loxodonta africana* e *Elephas maximus*. A primeira é originária da África, exibe maior tamanho e chega a consumir diariamente 200kg de folhas, raízes e frutas, mais 70-90 litros de água; o maior exemplar pesava cerca de 10.000kg, abatido em 1955. A espécie *E. maximus* é nativa das florestas asiáticas (Índia, Sri Lanka, Sumatra e sudeste de Ásia) e consome basicamente o mesmo tipo de alimento. A plasticidade comportamental e a aparente docilidade deveriam facilitar a domesticação, mas os treinadores conhecem bem os riscos que esses animais representam, especialmente durante a fase dos acasalamentos, ocasiões em que as competições intra-específicas tornam indóceis os machos (MATTHEWS, 1995). Entretanto, o relacionamento do homem com os elefantes é antigo, em razão de sua utilidade no transporte de cargas e finalidades bélicas.

O marfim era um produto valorizado devido a beleza e resistência. O produto era utilizado na confecção de vasos de luxo, jóias e adornos pessoais. Conta-se que Acab, rei de Israel, chegou a construir uma casa de marfim (3 Rs 22:39) e Salomão constuiu o seu trono com importações do produto (3 Rs 10:18). É interessante apontar que o livro Cânticos dos Cânticos descreve o relacionamento de um homem com sua esposa, relacionando alguns aspectos da anatomia feminina aos animais, como os cabelos (rebanhos de cabras), os dentes (ovelhas tosquiadas) e as mamas (filhinhos gêmeos da cabra montesa). O pescoço da dedicada esposa recebeu comentários mais específicos, pois se assemelhava a uma torre de marfim (Cant 7:4). O lirismo e as belas imagens teriomórficas causam boa impressão, mas “torre de marfim” passou a designar o local imaginário onde os poetas e românticos buscam abrigo; é onde eles vivem com suas vaidades e distantes do mundo real. Alguns especialistas apontam que o livro foi escrito por Salomão e o propósito era apenas ressaltar a beleza do pescoço feminino.

Os antigos exércitos persas usavam elefantes nos campos de batalha, conforme descreve Heródoto (c.484-c.425AC)¹⁵. Eles ostentavam armaduras e seus urros causavam medo às hostes inimigas, mas a bicharada se assustava com a confusão dos combates e o descontrolo ocasionava graves perdas para seus usuários. A eficiência dessas “armas de guerra” tem sido superestimada pelos historiadores e o Antigo Testamento descreve os riscos que os elefantes representavam aos usuários. Os livros 1 e 2 dos Macabeus relatam a resistência dos judeus, liderada por Judas Macabeus, às tentativas de Ptolomeu IV Filopator em lhes impor o paganismo. O terceiro livro (100AC-70AD) foi perdido, mas temos algumas informações sobre a morte dos condenados. Eles eram enterrados e permaneciam com as cabeças expostas acima do solo, a fim de serem pisoteadas por 500 elefantes “alucinados” com vinho e frankincense (goma aromática extraída das árvores *Boswellia sp.*). Os judeus passaram por tal provação, mas Eleazar e seus pares oraram ardentemente e, então, as portas do Céu foram abertas. Dois anjos desceram e espalharam confusão entre os elefantes, resultando na salvação dos judeus e muitas mortes no lado dos egípcios¹⁶. O episódio mencionado no Corão (Surata 105:1-5) provavelmente é uma alusão ao terceiro livro dos Macabeus.

A capacidade cognitiva dos elefantes impressionou Aristóteles (384-22AC). Ele acreditava que boa parte das habilidades era devida à existência da tromba, a qual ampliava a capacidade manipulatória dos animais.

¹⁵ *The history of Herodotus*. Great books of the western world, volume 6. Chicago: Encyclopædia Britannica Inc., 1952.

¹⁶ BARTLETT, J.R. The books of Maccabees. In: B.M. Metzger & M.D. Coogan (Eds.). *The Oxford companion to the Bible*. Pp. 475-82. Oxford: Oxford University Press, 1993. Ver também: STORM, R. *Myths and legends of the Ancient Near East*. Londres: The Folio Society, 2003.

Os relatos foram copiados por Plínio, o velho (23-79AD), o qual descreveu corretamente que os elefantes eram treinados para os espetáculos de dança e o intenso treinamento era baseado em castigos físicos. Os mais jovens padeciam nas mãos dos treinadores, de modo que até “exercitavam” os movimentos de dança na solidão da noite e à luz do luar (*Historia naturalis*, 77AD). A obra de Rudyard Kipling (*The jungle book*, 1894) também descreve o modo como os jovens elefantes asiáticos eram treinados.

É crença comum que os elefantes tenham capacidade mnemônica extraordinária, pois eles lembram dos locais preferidos para alimentação e acasalamentos ou onde porventura um membro da manada tenha encontrado a morte (WOOTTON, 1986). Esses formidáveis paquidermes exibem cérebro volumoso (cerca de 5.000g, enquanto que o cérebro humano atinge em média 1.400g), mas tamanho não é documento e uma análise comparativa das estruturas internas não revela algo de especial. Muitas espécies estocam alimento em vários lugares e cães exibem notável plasticidade comportamental (novas habilidades, reconhecimento de pessoas e atitudes afiliativas), sem que tais peculiaridades tenham inspirado uma fraseologia equivalente à “memória de elefante”. É natural que a massa corporal tenha estimulado os exageros acerca dos elefantes, mas a capacidade mnemônica é resultante da excepcional longevidade e gregarismo (reconhecimento dos membros da manada) ou demanda energética, a qual impõe melhor conhecimento dos recursos territoriais (fontes de água e da produção sazonal de alimento).

Mudo como um PEIXE. Um bom número de espécies aquáticas emite vocalizações, as quais são produzidas de modo variado (e.g., atritos dos dentes faríngeos, movimentos das nadadeiras contra o corpo ou liberação do gás através da bexiga natatória). O próprio movimento do corpo produz som, a água tem maior densidade e menor elasticidade e a velocidade de propagação das ondas sonoras é maior na água que no ar. As emissões de sons ocorrem em muitas espécies marítimas e de água doce (HAWKINS, 1993; ANDERSON et al., 2008); algumas designações informam que os peixes não padecem de “mudez”, como ocorre com a corcoroca (onomatopéia referente ao som produzido por peixes teleósteos *Pomadasys corvinaeformis*) e roncador (*Bairdiella ronchus*), espécie que recebeu as atenções do Padre Antonio Vieira (1608-97)¹⁷.

É claro que baleias e golfinhos são mamíferos aquáticos, mas eles vivem onde vivem os peixes e exibem um complexo sistema de vocalizações, as quais são captadas a longa distância. O mito das mulheres-peixes (nereidas e ondinas) também descreve as criaturas que dependem uma boa parte do tempo cantando nas profundezas do mar – os dotes “musicais” inspirou a designação da ordem Sirenia, composta por peixes-boi e manatis.

¹⁷ Sermão de Santo Antonio aos peixes. In: *Sermões escolhidos*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

As vocalizações dos peixes têm diversas funções, entre as quais o cortejamento, defesa territorial e alerta aos membros do cardume em situação de perigo; o som é captado através de estruturas especializadas que conduzem as vibrações até o ouvido interno, como o funcionamento de um estetoscópio, ou é captado indiretamente através dos ossículos de Weber, como é realizado pelos bagres e carpas. A expressão “mudo como um peixe” é interessante, mas, como lembrou o naturalista Mello-Leitão (1944), o mundo aquático nada tem de silencioso.

Mordidas e assopros. Os morcegos são feiosos, mas são maravilhas da natureza e prestam bons serviços aos agricultores – poucos sabem disso! A maioria desses mamíferos alados se alimenta de pequenos animais (insetos, anfíbios, peixes e artrópodes) ou de frutas e flores (néctar e pólen). Eles também auxiliam na polinização de plantas, dispersão de sementes e controle de pragas (NOWAK, 1991; MacDONALD, 1995). O consumo *per capita* de insetos é considerável, como ocorre com *Tadarida brasiliensis* – um grupo pode ser composto por até 50 milhões de indivíduos, os quais consomem acima de 250.000kg de insetos a cada noite.

Os morcegos são vítimas dos desmatamentos e não usufruem as simpatias do homem urbano, mas os especialistas estimam que o decréscimo populacional resultará em prejuízos anuais de R\$ 6 bilhões à agricultura. Como surgiram esses números? Tendo em vista o desaparecimento de cerca de 1 milhão de indivíduos nos últimos anos, cerca de 1,3 mil toneladas de insetos escaparão ao apetite dos morcegos e o resultado será a redução da produtividade e maior dispêndio de recursos com aplicações de pesticidas (*O Estado de São Paulo*, 1 de Abril de 2011).

A ordem Chiroptera é bem diversificada, pois abrange 1232 espécies catalogadas, as quais se encontram distribuídas em 18 famílias e 202 gêneros. A maior parte é encontrável nas regiões tropicais e temperadas; apenas quatro espécies são hematófagas e representam poucos riscos ao ser humano (KUNZ et al., 2011). Alguns morcegos pesam apenas 1,5g (*Craseonycteris thonglongyai*), outras atingem de 1500 a 2000g (*Pteropus* sp.). Uns exibem boa visão e outros, uma capacidade auditiva singular: captam sons de 10Hz a 200.000Hz (ou 200kHz), enquanto o homem escuta sons entre 20Hz e 20kHz. Por muito tempo os naturalistas permaneceram intrigados com a eficiência predatória dos morcegos (captura de insetos na escuridão e em pleno voo), mas o enigma foi solucionado na década de 1950 (ver NOWAK, 1991; MACDONALD, 1995; ALCOCK, 1998). Com efeito, estudos realizados em laboratório permitiram constatar que os morcegos emitem sons de baixa intensidade, os quais colidem com os obstáculos e os ecos são captados por estruturas auditivas extremamente especializadas – as vocalizações até compensam os movimentos dos insetos durante os vôos (efeito Döpler).

Os “amigos dos agricultores” contribuem para o controle de pragas, polinização de plantas e dispersão de sementes. Uma contribuição inusitada e de grande valor comercial é a produção de esterco, fertilizante de excelente qualidade. As colônias buscam refúgio na escuridão das cavernas e a população local pode atingir a milhões de indivíduos, como ocorre com *T. brasiliensis*, espécie encontrável desde o México ao Brasil; os filhotes permanecem nos abrigos e são amamentados por fêmeas não-aparentadas, como o funcionamento de uma “maternidade comunitária”. Após o forrageio noturno, a bicharada retorna ao abrigo e expele naturalmente as fezes; a produção de esterco se acumula ao longo dos anos e as cavernas se transformam em reservas de nitrogênio e fósforo, itens largamente utilizados como fertilizantes (KUNZ et al., 2011).

Os morcegos sempre suscitaram temores, mas poucas espécies representam riscos de transmissão de doenças viróticas e os riscos são minimizados com a adoção de procedimentos simples (instalação de telas protetoras). As espécies hematófagas geralmente atacam as extremidades dos pés, mãos ou a frente das vítimas (animais domésticos, na maioria das vezes). As “mordidas e os assopros” dos morcegos só existem no imaginário popular, como os camaleões que supostamente se alimentam de ar. Eles atacam de modo discreto e as pessoas só percebem o ocorrido quando acordam banhadas em sangue. Outras explicações apontavam que a eficiência dos morcegos era devida ao abanar de asas, procedimento que atenuava os desconfortos das vítimas e permitia ao folgazão extrair o máximo de vantagem da ocasião; as feridas eram realizadas com a unha do polegar e a língua funcionava como um sugador do sangue.

Outra crendice informava que algumas pessoas eram mais susceptíveis aos ataques dos morcegos, em razão de alguma característica do sangue. Elas eram “convidadas” a se retirarem da comunidade, pois atraíam os animais, enquanto outros moradores podiam até dormir ao relento, pois o sangue nada tinha de apetecível (ver: FLETCHER & KIDDER, 1879). Essa é uma questão que merece ser bem examinada, pois é plausível que as espécies hematófagas tenham predileções por certas características do sangue, sinalizadas pelo odor ou temperatura da pele de uma pessoa. Por outro lado, é bem estabelecido que os morcegos mordem discretamente as vítimas e propriedades anticoagulantes da saliva permitem lambidas do sangue que escorre.

O riso da HIENA. É outro animal cujo aspecto morfológico e hábitos alimentares suscitam repugnância, mas que usufrui as simpatias de muitos naturalistas. As hienas lembram os lobos e raposas, mas estão mais próximas filogeneticamente aos felinos e pertencem a um grupo distinto, a família Hyenidae. Elas consomem carniça, roubam presas de outros animais e a defesa grupal é capaz de afugentar leões oportunistas. As hienas caçam sozinhas,

mas o sucesso de uma delas atrai outros indivíduos e o grupo é capaz de limpar a carcaça de uma gazela em poucos minutos – cada indivíduo chega a consumir 15kg de carne numa única refeição e o restante é enterrado na lama ou é transportado para as tocas. A poderosa dentição permite até o aproveitamento dos ossos de suas vítimas, mas elas vomitam as partes não-digeríveis, como chifres, garras e dentes (EWER, 1968; HOLEKAMP, 2006; WATTS & HOLEKAMP, 2007; MacDONALD, 1995).

A família Hyaenidae é composta pelas espécies *Proteles cristatus*, *Hyaena hyaena*, *Hyaena brunnea* e *Crocuta crocuta* – a última é nativa do sul da África, mais conhecida como a “hiena que ri”, e exibe o maior peso corporal: 50-80kg. Os grupos são compostos por 10 a 90 indivíduos, os quais chegam a desenvolver uma velocidade de 60km/h durante as perseguições. Os ataques ocorrem na escuridão da noite e os membros dispersos do grupo se comunicam por meio de vocalizações inaudíveis ao ouvido humano ou emitem sons que se assemelham a soluços, bramidos ou algo que lembra a uma risada. Espécies solitárias geralmente capturam presas de menor peso corporal, mas os ataques coordenados das espécies sociais permitem a captura de presas de 6 a 12 vezes o peso corporal de um indivíduo (ALCOCK, 1998).

As hienas despertam os interesses dos naturalistas, em razão da notável plasticidade comportamental, estratégias de forrageamento e capacidade digestiva. Elas contribuem para eliminação de focos patogênicos e são extremamente agressivas – as fêmeas exibem pseudopênis (clitóris hipertrofiado), provavelmente em decorrência dos elevados níveis de testosterona. A expressão “riso de hiena” é uma referência às vocalizações emitidas na escuridão da noite e, portanto, nada informam acerca dos *displays* faciais. Os brasileiros designam as pessoas supostamente falsas ou maliciosas como *hienas*, mas a expressão o “riso da hiena” contém um duplo equívoco: as “gargalhadas” se referem às vocalizações que se assemelham a soluços ou bramidos humanos e servem como meio de comunicação entre os animais, principalmente na escuridão da noite.

O canto fúnebre dos CISNES. Nem todas as crendices descrevem a voracidade ou os maus bofes dos animais, como é o caso do canto triste e melodioso que os cisnes entoam quando se aproximam da “verdade fundamental”. As aves anseriformes (patos, gansos e cisnes) são conhecidas pelo valor alimentar de sua carne, hábitos pacíficos e belo aspecto morfológico; existem mais de 200 espécies conhecidas. Os antigos naturalistas acreditavam que os cisnes viviam longos anos, alguns ultrapassando os 100 anos e quase se igualando à longevidade da mitológica fênix (ver seção mais adiante). Elas eram criaturas preferidas de Apolo, o deus da música, em razão da beleza singular (real) e canto melodioso (imaginário) que anunciava a aproximação da morte.

Na ocasião, os cisnes se afastavam dos homens e de seus conspecíficos e se entregavam a um choro comovente, fantasia que alimentou a imaginação dos poetas. Duas historietas do fabulista Esopo (sec. 6AC) descrevem o “choro” dos cisnes, mas as rumações dos antigos naturalistas foram responsáveis pela propagação do mistifório:

Os cisnes vivem próximos aos charcos e pântanos; eles encontram alimento com facilidade, sempre estão próximos aos filhotes e atingem idade avançada. Se uma águia os ataca, os ataques são repelidos e eles levam a melhor... Eles são musicais e cantam principalmente em razão da aproximação a morte; nessa ocasião, eles voam para mar adentro e os homens, ao passarem pelas costas da Líbia, são atraídos pelo canto pesaroso e têm oportunidade de observar alguns deles morrendo (Aristóteles, 384-22AC; tradução do autor)¹⁸.

A beleza das aves anseriformes é notável e, com efeito, isso levou Júpiter a assumir as formas de um cisne para ganhar os amores de Leda. Poetas e oradores são cognominados *cisnes*, mas as vocalizações das aves anseriformes nada têm de agradável. Interessantemente, muitas aves de aspecto comum exibem canto excepcional, mas parece que a natureza inverteu o processo em relação aos cisnes (i.e., belo aspecto morfológico e emissões de grasnados); voz *anserina* (rouca e semelhante) é uma comprovação que as vocalizações das aves anseriformes não são agradáveis aos ouvidos humanos. Patos e gansos às vezes são utilizados na vigilância de fazendas, presídios e instalações industriais, em substituição aos latidos dos cães. Os grasnados são mais frequentes durante a fase dos acasalamentos, conflitos agonísticos ou sinalizam a presença de predadores. Da mesma forma que o “canto do cisne” é simples crendice, observadores mais atentos e amigos da verdade utilizam a expressão “ouvir o canto do cisne” para designar a valorização de algo irreal, fantasioso ou as patacoadas que fascinam os tolos.

A história secreta dos CÃES. Morcegos, lobos, urubus e sapos indubitavelmente pertencem à categoria dos animais abomináveis, mas uma espécie passou por notável transformação e hoje ocupa um lugar privilegiado na galeria dos “amigos do homem”. Foi o que ocorreu com os cães. Esses animais reconhecem facilmente as pessoas exibem atitude afiliativa (e.g., abanar da cauda, latidos amistosos e arquejar do corpo), mas os *displays* são considerados um convite à luxúria ou são atentados à dignidade humana (Surata 7:176).

¹⁸ *The works of Aristotle – Biological treatises*. The great books of the Western World, Volume IX. Chicago: Encyclopædia Britannica, 1952 (tradução do autor).

A análise da nossa fraseologia revela que os substantivos (*cão, cadela, cachorro, cachorra, mastim, sabujo e vira-lata*) e outras formas (cachorrada, canzoal, canzoada) são majoritariamente utilizados com propósitos negativos

A antipatia aos canídeos é registrada pelos dicionários de vários idiomas, pois eles informam que *cão* e *cadela* são palavras de forte significado negativo, as quais são associadas ao próprio Diabo (*filho do cão*) ou a uma mulher de hábitos lascivos. Conforme foi examinado algumas linhas atrás, o êxtase de São João Apóstolo não respeita a história filogenética dos animais – leopardos, ursos e leões que se “levantam dos mar” –, mas usualmente o Anjo Decaído assume o aspecto morfológico de um cão (i.e., cauda, pêlos densos, enormes dentes caninos e focinho protuberante); o gosto por imundícies e os *displays* comportamentais também aproximam o Diabo ao “melhor amigo do homem”. Conta-se que ele se reunia regularmente com as bruxas (*shabat*), as quais eram obrigadas a lhe prestar reverência: ele levantava a cauda e as auxiliares vinham para lhe beijar as partes “feias, sujas e vergonhosas”¹⁹, tal como fazem os cães quando cheiram uns aos outros.

As religiões do deserto (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo) igualmente descrevem de modo pouco simpático o comportamento dos cães. Eles suscitavam reações de nojo e repulsa, especialmente em razão da ingestão do próprio vômito (Prov 26:11) e dos latidos noturnos que emitiam quando vagueavam pelas ruas em busca de restos de alimento (Sl 58:6 e 58:14-15); as matilhas não desperdiçavam a carne de cadáveres em putrefação (Sl 68:23 e 79:2) e eram proibidos de entrarem nas cidades (Apc 22:15). Outras descrições mencionam a voracidade dos cães, os quais em pouco tempo reduziram a caveira e ossos o corpo da princesa Jezabel (4 Rs 9:30-37); também causa repulsa a descrição das lambidas dos cães às purulências do mendigo Lázaro (Lc 16:20-21). O apetite carniceiro foi descrito por Homero, quando este relatou que o cadáver de Príamo ficou entregue aos cães (*Iliada*, XXI, 66), e não podemos deixar de mencionar o terrível Cérbero, cão monstruoso de três cabeças (ou cinquenta, de acordo com as versões) que guardava os portões das regiões infernais.

Ocasões em que os lobos perdem os pêlos e a natureza

Frases e expressões de uso corriqueiro sofreram modificações com o tempo, no que diz respeito ao significado intrínseco e contexto em que elas são utilizadas (ver: MIEDER, 1977, 1986). O fenômeno dificulta uma análise acerca de suas origens, como ocorre com a expressão “ter ouvidos de mercador”.

¹⁹ *Proceso a la brujería – en torno al Auto de Fe de los brujos de Zugarramurdi Lograño, 1610.* Madrid: Editorial Tecnos, 1989.

De acordo com Nascentes (1986), trata-se de uma alusão ao hábito que os proprietários de escravos tinham em marcar os negros com ferros ardentes – por mais que estes urrassem de dor, o marcador não lhes dava ouvidos e seguia em frente com a odiosa tarefa. A explicação tem sentido, em razão da semelhança fonética entre *mercador* e *marcador*, mas é importante que os mercadores dosessem bem os “ouvidos moucos”, a fim de não perderem bons negócios. Independentemente do modelo referencial, “ouvidos de mercador” é uma expressão bem conhecida e o valor funcional explica a substituição de uma palavra anacrônica (*marcador*) por outra mais moderna e mais conhecida do cidadão comum (*mercador*). Entretanto, análises comparativas sugerem que a versão mais conhecida e mais presente na boca do povo é a correta, uma vez que o tal ouvido de mercador é encontrável nos idiomas italiano e espanhol: *Far orecchi di mercatante* e *Hacer orejas de mercaderos*²⁰.

Adultrações fraseológicas são relativamente comuns. Elas surgem em decorrência da complexidade e sonoridade estranha de uma palavra, como ocorre com a expressão “morrer de morte macaca” – o correto seria de “forma macabra”, mas a combinação de palavras foi adaptada aos ouvidos do homem comum. Outra expressão conhecida mistura devoção religiosa e a valorização do trabalho disciplinado, mais alguma dose de cinismo pragmático: “Deus ajuda quem cedo madruga”. Ela parece adequada aos tempos atuais, mas é preciso informar que o modelo original dava mais importância à ação divina que aos hábitos de acordar cedo: “Mais vale quem Deus ajuda que quem muito madruga” (DE LOS RIOS, 1946). O supremo provedor é Deus e o simples hábito de madrugar não é suficiente para se atingir a prosperidade; imaginar algo diferente seria próprio do Diabo, conforme descreve um conto de Adolfo Coelho (1847-1919)²¹. Outros exemplos da curiosa fraseologia serão examinados a seguir.

FÊNIX e o renascer das cinzas. Expressão que lembra a mitológica ave fênix e encontrável em diferentes idiomas. Quem descreveu inicialmente as excentricidades da ave foi Heródoto (c.485-425AC), o qual apenas teve oportunidade de examinar uma pintura e ouvir os depoimentos dos habitantes de Heliópolis. Não existe registro da existência de nenhuma fênix e parece que Heródoto confundiu uma palmeira (*phoinix*, no idioma grego) com o nome da suposta ave. Conta-se que ela aparece em intervalos de 500 anos e exibe porte físico semelhante ao de uma águia, mas as plumagens são douradas e avermelhadas. O estimado historiador não deu muito crédito aos relatos e teve o cuidado de informar que estava apenas descrevendo o que ouvira. Os informantes diziam que a fênix partia da Arábia com o corpo do pai morto envolto numa camada de mirra, com o propósito de conduzi-lo ao Templo do Sol, no Egito,

²⁰ Investigações ethnographicas. *Revista Lusitana*, XV(1-4): 255-67, 1912.

²¹ *Contos populares portugueses*. Lisboa: Ulmeiro, 1999 (original: 1879).

para o devido sepultamento. Os preparativos para o transporte eram elaborados e exigiam as atenções da ave. Inicialmente, ela providenciava um ovo de mirra (resina obtida das árvores *Cormiphora* sp, geralmente usada nos incensos e perfumes) e imaginava o corpo de seu pai em seu interior, visando calcular o peso total da carga e o dispêndio de energia na longa viagem – atenção leitor: esses cálculos eram realizados “de cabeça”! Ao saber que tudo estava de acordo com sua capacidade física, a fênix abria uma cavidade no ovo, inseria cuidadosamente o corpo do pai em seu interior e revestia a abertura com nova camada de mirra. Concluído os procedimentos, a fênix se dirigia ao Templo do Sol com a preciosa carga.

A devoção parental causava admiração, mas a versão inicial não mencionava o renascimento da própria fênix. Entretanto, novos elementos foram adicionados pelos copistas da Bíblia e aventureiros medievais, de modo que as patranhas se alargaram e ganharam popularidade. A versão apresentada por Sir John de Mandeville (1366) é a mais interessante, pois contribuiu para o fortalecimento do Cristianismo. O viajante informou que a fênix vive 500 anos e se dirige ao Templo do Sol para um ritual de auto-imolação – o pai foi ignorado nessas versões. Na ocasião, ela se transforma em cinzas, mas no dia seguinte surge um verme que logo se transforma numa outra fênix, permitindo assim viver mais 500 anos. Trata-se de um milagre divino: só existe uma única fênix, ela se oferece ao sacrifício e ressuscita no terceiro dia, como ocorreu com Nosso Senhor. Os elementos adicionados por Mandeville deram sabor popular às patranhas e serviram aos propósitos da Igreja Católica.

Quatro GATOS pingados. Expressão popular que serve para designar uma audiência insuficiente ou sem importância. O leitor pode se indagar: por que esses felinos foram utilizados para tal propósito? Por que exatamente o numeral quatro? Trata-se de algo perdido no tempo, pois gato-pingado era a pessoa que, empunhando uma tocha acesa, acompanhava o sepultamento de um defunto. A cera das tochas derretia e os pingos queimavam a mão da pessoa, o que lembrava muito o costume de castigar os escravos e mouros com pingos de óleo fervente ou do azeite extraído das candeias acesas (NASCENTES, 1986). Outra peculiaridade que deu força à expressão foi o número de acompanhantes dos féretros; ele indicava a classe social do defunto e “quatro gatos pingados” era o mínimo necessário para um sepultamento decente. O uso corriqueiro da expressão tornou variável o número de gatos-pingados (6, 8 ou 10), mas originalmente eles eram quatro e informava o nível de indigência do defunto.

Olhos de LINCE. Trata-se de uma expressão que tem como referência uma espécie de felino (*Felis lynx*), nativa da Europa e América do Norte. O bichano é aparentado das onças e dos gatos do mato e, como a maioria dos felinos, exhibe hábitos crepusculares ou noturnos – isso significa péssima visão,

mas olfato e audição apuradíssimos. A expressão original era “olhos de Linceu”, referência ao vigia e um dos cinquenta tripulantes da nau Argos; a sua acuidade visual ajudou Jasão a evitar os rochedos e os encontros com as terríveis criaturas aquáticas (sereias e serpentes) e foi comemorada nas obras de Homero (NASCENTES, 1986; GRAVES, 1996; GUERRA, 2005). A adulteração da frase original é resultante da semelhança fonética entre Linceu e lince e porque o verdadeiro modelo (i.e., o valoroso e atento argonauta) não mais faz parte do nosso universo cognitivo. Não obstante o esquecimento dos méritos do argonauta, a frase “olhos de lince” é bastante funcional e tem boa sonoridade. É claro que a eficiência predatória de *Felis lynx* é devida ao extraordinário olfato e capacidade auditiva, mas uma expressão no idioma inglês também valoriza a inexistente acuidade visual desses felinos: *sharp-eyed as a lynx*.

BICHO carpinteiro. Confusões entre palavras foneticamente semelhantes deram surgimento a outras adulterações, como “quem não tem cão, caça com gato” – modelo original: “caça como os gatos”, sozinho. O nome de um animal pode ser utilizado em razão da boa sonoridade ou porque proporciona rima às frases e expressões, mas em certos casos pode ocorrer algo mais complexo. Com efeito, a expressão “ter bicho carpinteiro” é utilizada para designar o comportamento de uma criança indócil e traquinas, mas ela também pode significar “ter bicho no corpo inteiro”. As duas frases exibem semelhanças estruturais e funcionais e tal peculiaridade contribuiu para a confusão. Outra explicação aponta para a analogia entre o modo de ação do bicho carpinteiro (escaravelho, espécie coleóptera do gênero *Xylotrophus*, que ataca e devora as partes internas de uma madeira) e os efeitos das infestações de oxiúros (vermes nematóides, como *Enterobius vermicularis* que infesta o intestino grosso), os quais resultam em pruridos e intensas coceiras na região anal. As crianças se remexem incessantemente e coçam as partes traseiras, como se estivessem sendo remoídas internamente pelo bicho carpinteiro. A semelhança entre “ter bicho carpinteiro” e “no corpo inteiro” e o aspecto trivial das infestações parasitárias somaram forças e contribuíram para a preservação da curiosa fraseologia.

Amigo URSO. Trata-se de uma alusão a uma das historietas descritas por Jean de La Fontaine (1668-94; “O urso e o amator de jardins”, livro VIII). Ela descreve a amizade entre um jardineiro solitário e um urso. Os dois se gostavam muito, pois o jardineiro havia se livrado dos tormentos da solidão e, por seu turno, o urso era alimentado gratuitamente pelo amigo. Após as refeições, o jardineiro se entregava ao sono e o urso impedia que as moscas atazanassem o seu repouso. Certa ocasião, uma delas rondava insistentemente a cabeça do jardineiro e o prestativo urso ficou irritado com o insucesso de suas ações. Num gesto extremo, ele fez uso de um galho de árvore e afugenta a mosca, mas a violência do golpe rachou a tola do jardineiro que dormitava sossegadamente.

A expressão “amigo urso” era utilizada para designar o indivíduo que age aparentemente para beneficiar alguém, mas suas ações resultam no oposto. Atualmente, ela é utilizada para designar uma pessoa falsa ou desleal, embora a historietta original lembre mais as ações desastradas e inábeis do urso.

Amigo da ONÇA. Uma notável transformação ocorreu em relação à imagem dos grandes felinos, outrora inimigos dos fazendeiros e criaturas excepcionalmente sanguinárias. Os dicionários atuais descrevem que *onça* serve para designar o mau-humor ou a suposta feiúra de uma mulher. Não existe nada mais inadequado que isto, pois os felinos são conhecidos pela beleza física e os “maus bofes” são estratégias de autodefesa ou revelam o modo eficiente como esses animais sobrepujam suas presas. Os índios tinham em alta conta a bravura e a beleza das onças, mas os antigos fazendeiros não enxergavam tais qualidades – eles causavam sérios prejuízos aos rebanhos e as matanças eram estimuladas.

O significado da fraseologia muda com o tempo e depende do contexto e, portanto, ela não revela a verdadeira natureza dos animais. Com efeito, as palavras *pantera* e *gata*, espécies aparentadas das onças, servem para designar uma mulher de excepcional beleza; o mulherio aprecia a comparação. O antigo significado da palavra *onça* revela que a beleza feminina estava associada ao espírito gentil e docilidade de uma mulher, peculiaridades não encontráveis nas onças de carne e osso. As credices em torno desses felinos eram variadas, pois acreditava-se que elas imitavam a voz de diferentes animais, com o intuito de atraí-los, ou usavam a cauda para capturar peixes (BURTON, 1957). Alguns naturalistas notáveis ficaram fascinados com tais histórias, como ocorreu com Alfred R. Wallace (1823-1913), um dos formuladores da teoria da seleção natural das espécies:

A onça é, dizem os índios, o mais esperto dos animais da floresta. Ela é capaz de imitar perfeitamente a voz de quase todas as aves e animais terrestres, atraindo-os para si. Ela pesca nos rios, agita as águas com a cauda, imitando a queda de um fruto, e usa as garras para capturar os peixes que se aproximam. Ela captura as tartarugas e eu próprio tive oportunidade de encontrar carapaças intactas, as quais foram completamente esvaziadas com o auxílio das patas. A onça ataca o peixe-boi em seu elemento e uma testemunha me garantiu ter visto ela arrastando o enorme animal para fora das águas, o qual pesava mais que um boi (In: FLETCHER & KIDDER, 1879; p. 557; tradução do autor).

As expressões “amigo urso” e “amigo da onça” tem como referência espécies distintas e são originárias de fontes diferentes, mas o uso corriqueiro promoveu a aproximação dos significados. Como foi examinado anteriormente, a primeira serve para designar alguém falso ou hipócrita ou que falsamente assume os ares de uma pessoa amiga, visando extrair algum benefício com o logro. A expressão “amigo da onça” tem significado bastante parecido, mas a origem é um *causo* ocorrido com um devoto de São Huberto, o patrono dos caçadores. Tudo tem início quando um caçador se encontrava diante de um precipício e encontra a rota de fuga bloqueada por uma onça. Ele mira a cabeça do animal com a sua espingarda, mas a arma enguiça. O relator indaga o ouvinte sobre o que ele imagina que teria acontecido ao caçador e ele responde: “– a onça o devorou”. Indignado com a resposta, o relator protesta: “– Afinal, você é meu amigo ou é amigo da onça?” O cartunista Péricles de Andrade Maranhão (1924-61) buscou inspiração na conhecida anedota e criou “O amigo da onça”, personagem das charges que ilustravam a revista *O Cruzeiro* nos anos 1940-50. As expressões “amigo urso” e “amigo da onça” são utilizadas com propósitos bem parecidos, mas o uso não é condizente com suas respectivas origens.

Os tempos do ONÇA. É uma referência a um modo de vida antiquado ou é aplicável nos momentos em que se discute a rejeição aos ventos da modernidade. “Os tempos do Onça” é uma expressão bastante funcional, mas muitos acham estranho o substantivo masculino e letra inicial em maiúscula (o “Onça”). Ela também esconde uma injustiça em relação à memória de Luis Vahia Monteiro (?-1733), coronel de infantaria e governador do Rio de Janeiro (1725-32). Monteiro foi um zeloso administrador e combateu tenazmente a malta de desordeiros e mandriões que infestava a cidade, de modo que contava com a simpatia da população. Ele não dava tréguas aos corruptos, reduziu os privilégios da Igreja Católica e promoveu o saneamento do Rio de Janeiro. Os malandros não tinham “colher de chá” e Monteiro acabou sendo apelidado de “onça”. É verdade que ele mandava e desmandava, mas até os seus adversários sabiam que suas ações engrandeciam moral e materialmente a cidade. As famílias tinham noites sossegadas e os malandros logo debandavam quando ouviam “lá vem o Onça” ou “cuidado com o Onça”. Numa carta enviada ao rei de Portugal, ele apontou um dos graves e atuais problemas do Brasil: “Senhor – nessa terra todos roubam – só eu não roubo” (PASSOS, 1930; DE LOS RIOS, 1946; COARACY, 1965).

Monteiro foi um administrador enérgico e idealista. Ele cometeu alguns desatinos ao final de sua administração e dava sinais de que as lutas incessantes e o desgosto fizeram-no perder a sanidade mental. As expressões “tempo do Onça” e “idéias do Onça” estão relacionadas a algo perdido no tempo ou servem para designar projetos irrealizáveis ou não-factíveis.

A simples passagem do tempo ou o apego aos projetos irrealizáveis não significa, é claro, anacronismo, mas as “idéias do Onça” foram associadas ao mofo das coisas ultrapassadas. Os inimigos apelidaram Monteiro com o nome do animal mais feroz da nossa fauna, mas a filosofia dos “tempos do Onça” seria bastante apropriada para combater os atuais problemas que atormentam o Rio de Janeiro e o restante do país. Os saudosistas poderiam suspirar, com razão: como faz falta o “Onça”!

Pagar o PATO. Expressão utilizada para se indagar sobre quem irá arcar com os prejuízos ou os custos de uma trapalhada ou algo imprevisto. Ela é bastante conhecida, mas poucos sabem as razões que levam os brasileiros a inserir um pato no meio da conversa. Com efeito, trata-se de uma adaptação de *patau*, antiga palavra do vocabulário português que designa uma festa, patuscada ou mixórdia; no Brasil, ela é pouco utilizada e serve para designar o indivíduo tolo ou parvo. Não existe nenhuma ave anseriforme na expressão “quem vai pagar o patau”; ela pertence ao vocabulário trasmontano e ainda é utilizada na comunicação corriqueira. A *Revista Lusitana* descreve o significado da expressão: “ficar-lhe cara a brincadeira, sofrer-lhe as conseqüências, pagar bem o gostinho”²². Nascentes (1986) fornece uma explicação alternativa, embora ele próprio não dê muito crédito a ela: conta-se que três rapazes mandaram preparar um pato numa hospedaria. Após o consumo da iguaria, eles se envolveram em subterfúgios para se esquivarem de pagar a conta, sempre isentando um parceiro e a si próprio. Ao final e depois de longas tergiversações, os prejuízos da patuscada recaíram nas finanças do pobre caixeiro, o qual não havia comido coisa alguma do pato e ainda tivera o dissabor de cair no logro. A história tem um colorido especial, mas não tem relação alguma com o significado da expressão original; tal como *Linceu* que se transformou em *lince*, patau (mixórdia ou trapalhada) ganhou nova vida ao assumir as formas de um pato. É a tentativa do homem comum em contornar as dificuldades impostas por palavras e conceitos estranhos, adaptando-os ao vocabulário corriqueiro.

Presente de grego vs. CAVALO de Tróia. Estamos diante de fenômenos curiosos: fontes distintas dão origem a expressões com significados mais ou menos parecidos (e.g., “amigo da onça” e “amigo urso”), mas o uso em contextos diferenciados e a simples passagem do tempo promovem novos significados para coisas idênticas. Com efeito, “presente de grego” (algo que deveria beneficiar alguém, mas que se revela prejudicial) é uma referência a um episódio ocorrido durante a lendária guerra travada entre gregos e troianos, descrita inicialmente por Homero (*Odisséia*, século 9 AC). Com o intuito de penetrar nas defesas do inimigo,

²² Vocabulário trasmontano e locuções. *Revista Lusitana*, 5:88-114, 1897-99.

os gregos construíram um enorme cavalo de madeira cujo interior trazia um grupo de guerreiros; o artefato foi deixado às portas da fortaleza de Tróia, simulando ser uma oferenda à deusa Minerva para garantir aos gregos uma fuga segura. Não se sabe ao certo o número de guerreiros que se acomodaram no interior do cavalo, pois as versões apontam números variáveis – 23, 50 e até 3.000 combatentes, entre os quais Menelau, Diomedes, Ulisses e Pirro. Os troianos relutaram em conduzir o artefato para além de suas muralhas, mas foram seduzidos por sua beleza e idéia de que se tratava de uma oferenda à deusa Minerva. Eles comemoraram intensamente a fuga simulada de seus inimigos e entregaram-se a um sono profundo; nenhum cão sequer denunciou com seus latidos as anormalidades. Os combatentes saíram do cavalo de madeira, os portões das muralhas foram abertos e, então, Tróia foi invadida pelos gregos. Virgílio (*Eneida*, c.30AC) descreveu vividamente o episódio e nos contou que os olhos de Enéias se encheram de lágrimas ao lembrar os eventos que causaram a ruína de sua pátria.

As artimanhas dos gregos inspiraram obras literárias e deixaram marcas na fraseologia universal, mas a história é desprovida de sentido. Antes de iniciarmos uma discussão sobre o assunto, devemos apontar que o artefato de madeira deveria ter dimensões colossais, mesmo considerando o número mínimo de combatentes, da mesma forma que a natureza da missão (i.e., abrir os portões de Tróia) não recomendava o uso de muitos homens e tampouco ela deveria ser entregue aos mais valorosos combatentes gregos. Alguns especialistas argumentam que Homero teve dificuldades em entender a importância dos cavalos para os habitantes de Tróia e, assim sendo, ele inventou alguma coisa para dar consistência às explicações. Com efeito, é possível que o “cavalo de Tróia” tenha sido confundido com um aríete que, à semelhança de um cavalo, era utilizado para derrubar as muralhas inimigas. Os que tendem a refutar as explicações de Homero apontam outras alternativas: o artefato de madeira nunca existiu e provavelmente os gregos penetraram nas hostes inimigas através de um portão nos fundos, o qual tinha um cavalo pintado em suas paredes, ou fizeram uso de uma poderosa cavalaria para vencer a batalha. É possível também que, após terem incendiado as plantações, os gregos tenham se escondido atrás do monte Hippius, o “monte dos cavalos” (GRAVES, 1996). Todas as explicações são plausíveis, mas predominou a idéia que os troianos foram iludidos pelo inusitado presente deixado às portas de suas muralhas.

Outra curiosidade: “presente de grego” e “cavalo de Tróia” deveriam ter o mesmo significado, mas a última serve para designar algum vírus malicioso de computador ou, mais especificamente, o inimigo encoberto que se insinua numa instituição ou família para causar a ruína. Outra expressão correlata é “cavalo de batalha”, que significa embaraço, estorvo ou complicação desnecessária;

num outro contexto, ela significa a razão de ser, o argumento principal que se insiste ou os objetivos finais de uma agremiação política, por exemplo. Os dicionários não esclarecem a origem da expressão, mas informam que o tal cavalo era a montaria adestrada para uso nas batalhas. As explicações não têm sentido, pois conflitos dessa natureza eram circunstanciais e os cavalos acompanhavam seus donos nas lides diárias – eles não eram estorvos ou coisas embaraçosas.

Os eqüinos estão bem representados na fraseologia brasileira, como atestam as expressões e vocábulos variados: alação, asno, besta, bagual, burro, cavalo, égua, garanhão, jegue, jerico, jumento, matungo, muar, mula, pai-d'égua, pangaré, potro e sendeiro. Os cavalos desempenharam importantes funções aos avanços civilizatórios e as lamúrias de Ricardo III comprovam que eles não eram considerados “complicações desnecessárias”: *A horse! A horse! My kingdom for a horse!* (Shakespeare, 1591)²³. O uso da expressão “cavalo de batalha” é relativamente recente, não é encontrável em outros idiomas e parece ser uma alusão ao cavalo de madeira (“presente de grego”), o qual trazia soldados em seu bojo e cuja missão era destruir as defesas dos troianos.

ELEFANTE branco. A expressão serve para designar algo suntuoso ou de tamanho descomunal, mas de pouca serventia. Ela é uma referência a um antigo costume do rei da Tailândia em presentear os desafetos com um elefante albino, animal sagrado e de manejo dispendioso. O pobre-coitado não podia se desfazer do presente, em razão do significado religioso e porque o gesto representaria grave ofensa ao rei; as despesas com a alimentação do animal rapidamente traziam a ruína financeira aos desafetos do rei (NASCENTES, 1986). O recurso deveria ser utilizado em circunstâncias especialíssimas, pois elefantes albinos são raros e poucos atingem a maturidade.

Na fraseologia brasileira, os elefantes são utilizados para diferentes propósitos. Eles servem como modelo para ressaltar o peso corporal excessivo ou os exageros nas refeições (“comer como um elefante”), o comportamento inábil e incompetente (“elefante em loja de porcelana”) ou os prodígios mnemônicos de uma pessoa (“memória de elefante”, como foi examinado anteriormente). As expressões “elefante branco” e “presente de grego” têm significados mais ou menos equivalentes: alguma coisa interessante ou valiosa, mas que traz prejuízos e dores de cabeça aos proprietários. É mais um exemplo de confluência de significados. Por outro lado, “engolir um elefante e engasgar-se com um mosquito” serve para explicar o sucesso numa empresa difícil e o posterior fracasso em algo de fácil realização; algo equivalente a “nadar muito e morrer na praia”. A fonte original parece ser o Novo Testamento, embora o modelo referencial tenha sido outro mamífero de grande porte: “Condutores cegos! Que coais um mosquito e engulis um camelo” (Mt 23:24).

²³ Quadrinhas populares também ressaltam o valor dos cavalos: “Fui moço, hoje sou velho, morro quando Deus quizer. Duas coisas apreciei: cavalo bom e mulher!” (In; CASCUDO, 1954; p. 209).

Outros mamíferos exóticos e de grande porte (e.g., camelos, hipopótamos, girafas e leões) também servem de modelo para composição de expressões e ditados populares, mas a fraseologia é rica em equívocos e erros de julgamento. Isso é compreensível, pois os animais não pertencem a nossa fauna e o relacionamento do homem moderno com os animais é mais restrito às espécies domésticas (i.e., cães e gatos). Até os animais da nossa fauna não escapam dessa tendência, como atestam os caranguejos que “andam de marcha ré” e o “abraço mortal” dos tamanduás. É pouco plausível que uma pessoa tenha tido oportunidade de sentir o hálito de uma onça, mas a nossa fraseologia informa que ele vem carregado de teor alcoólico – é o “bafo de onça”, expressão que sugere que esses felinos compartilham com os gambás o gosto por cachaça! Outra curiosidade é o “leite-de-onça”, batida preparada com cachaça e leite condensado, muito apreciada nos rega-bofes.

Espírito de PORCO. Algumas frases e expressões populares são originárias de episódios descritos nas Sagradas Escrituras, mas o uso rotineiro e a passagem do tempo deram-lhes novos significados. Foi o que ocorreu com o “espírito de porco”. Conta-se que uma legião de espíritos imundos foi expulsa do corpo de um homem, mas suplicara à Jesus para entrar numa vara de porcos que pastava tranquilamente ao redor. O pedido foi aceito e, ato contínuo, os espíritos tomaram posse de quase dois mil porcos, os quais se precipitaram num despenhadeiro e encontraram a morte nas águas do mar (Mt 8:30-2; Mc 5:11-3; Lc 8:32-3). A expressão “espírito de porco” não é muito utilizada, mas inicialmente designava o espertalhão que simulava a incorporação de espíritos, visando extrair algum benefício para si próprio ou para diversão dos frequentadores das sessões espíritas. Mais tarde, ela passou a ser utilizada para designar o indivíduo inconveniente que se entrega facilmente às patuscadas ou se diverte de modo exagerado às custas dos outros. Aos que desconhecem os evangelhos dos apóstolos (Mateus e Lucas), é importante ressaltar que “espírito de porco” não está diretamente relacionado aos hábitos higiênicos de uma pessoa.

CARNEIROS de Panurgo. Algumas expressões oriundas de fontes distintas podem ser utilizadas com propósitos equivalentes, mas expressões oriundas da mesma fonte às vezes são utilizadas com propósitos diferenciados, como é o caso de “presente de grego” e “cavalo de Tróia”. Outro exemplo dessa confluência de significados ocorre com “espírito de porco” e “carneiros de Panurgo”, ambas decorrentes dos espíritos imundos que tomaram posse de uma vara de porcos e buscaram a morte nas águas do mar. O triste fim da porcada serviu de inspiração para a obra de François Rabelais (c.1494-c.1553)²⁴, mas daí surgiu a expressão “carneiros de Panurgo”. No singular, ela serve para designar alguém que age sem vontade própria, o imitador ou aquele que acompanha a opinião dos outros, sem refletir.

²⁴ *Gargântua e Pantagruel*. Livro Quarto, Capítulo VIII. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003.

Trata-se de uma adaptação da história envolvendo os espíritos imundos, mas envolvendo um personagem criado por Rabelais. Durante uma viagem de navio, Panurgo sentiu-se injuriado por um dos passageiros e, então, adotou um curioso procedimento para realizar a vingança. Ele comprou o mais belo dos carneiros do passageiro e, para espanto de todos, lançou o animal nas águas do mar. Toda a carneirada seguiu os movimentos do líder, inclusive o proprietário que, desesperado, se atirou ao mar para salvar a preciosa carga. Todos morrem afogados: o carneiro de Panurgo, o restante da carneirada e o proprietário que perpetrara a injúria.

Tal como o hipotético cão de Buridan que cedeu lugar a um asno ou os elefantes que substituíram os camelos descritos no Evangelho de São Mateus (Mt 23:24), Rabelais julgou conveniente utilizar os carneiros, invés de porcos. A escolha parece ter sido bem acertada e talvez tenha sido a origem de outra fraseologia: “carneiro de batalhão”. Ela é atribuída ao Marechal Floriano Peixoto (1839-95) e surgiu por ocasião da Proclamação da República (1889). A infeliz expressão tinha apenas o intuito de ressaltar a ação disciplinada e sem discussão dos militares e republicanos (NASCENTES, 1986), mas os dicionários atuais explicam erroneamente a disciplina da soldadesca como algo negativo. Originalmente, “espírito de porco”, “carneiros de Panurgo” e “carneiro de batalhão” eram, respectivamente, referências aos farsantes que iludiam os outros, a pessoa que age sem vontade própria e a valorização da disciplina entre os militares. O tempo e o uso corriqueiro deram-lhes novos significados, mas elas são originárias da mesma fonte: os evangelhos dos apóstolos (Mt 8:30-2; Mc 5:11-3; Lc 8:32-3).

Conclusões

Os ditados populares, os anexins e as frases de efeito revelam antigos costumes e credences acerca de fenômenos naturais. Os equívocos e erros de julgamento são ocasionados pelo 1) distanciamento do homem em relação aos demais seres vivos (urbanização), 2) espantosa diversidade biológica e 3) limitação do conhecimento científico. Isso permite entender o reduzido número de vocábulos relacionados aos seres vivos, designações diferentes para espécies idênticas, designações idênticas para espécies diferentes, confusões acerca da procedência e designações confusas (e.g., *peixe-boi*, *água viva* e *porquinho da Índia*).

Mamíferos de grande porte e espécies domésticas são os animais preferidos para as comparações teriomórficas, tal como é constatável na fraseologia envolvendo cães, cabras e vacas. Os invertebrados são mais numerosos (1.021.00 espécies ou 95,3%), mas a fraseologia envolvendo-os não é condizente com a

importância numérica – estima-se que exista na Terra cerca de 1 bilhão de insetos para cada ser humano! Logo em seguida vêm os grupos compostos pelos peixes (19.100 ou 1,8%), répteis e anfíbios (12.000 ou 1,1%), aves (9.100 ou 0,8%) e microrganismos (5.800 ou 0,5%) – a classe Mammalia é a ponta do iceberg, pois corresponde a mais ou menos 4.000 espécies, ou 0,4% do número total. Essas estimativas estão longe da realidade, pois o número de espécies pode chegar a 80 milhões²⁵. Muitas delas se encontram em processo de extinção e sequer temos conhecimento de sua existência (MAY, 1988; PIMM & RAVEN, 2000).

Alguns estudos apontam que as crianças brasileiras geralmente classificam como “animais de floresta” as espécies domésticas (e.g., galinhas, cabras e cavalos) ou aquelas encontráveis no ambiente urbano (e.g., ratos, aranhas ou cães e gatos). Floresta é apenas um lugar onde tem muitas árvores e onde os animais são encontrados, como os parques e jardins zoológicos (MENDES & SCHALL, 1995). Também foi notado que os visitantes do Zoológico de Brasília, adultos e crianças, praticamente desconhecem os legítimos representantes da fauna regional (e.g., lobo guará, tamanduá bandeira e mico leão dourado), mas exibem melhor conhecimento acerca de mamíferos de grande porte da fauna africana, como zebras, leões e elefantes (BIZERRIL & ANDRADE, 1999). Embora os mamíferos sejam pouco representativos, em termos numéricos, são eles que mais enriquecem e dão substância à fraseologia brasileira.

De modo geral, os animais são utilizados como modelo para ressaltar características supostamente negativas de uma pessoa (aspecto físico, comportamento ou estados subjetivos). A preferência por certos animais é influenciada pela proximidade filogenética, valor utilitário e comportamento dos animais; o aspecto morfológico e a beleza também são fatores importantes: aves de belas plumagens e de canto melodioso ou mamíferos altriciais usufruem bom conceito no imaginário popular, enquanto os morcegos, aves carniceiras (abutres e urubus) e répteis são mal vistos pela população. Trata-se de um fenômeno que deve ser examinado com atenção, pois a atitude em prol da preservação dos animais geralmente é guiada por fatores estéticos e sentimentais (GUERRA, 2004; KNIGHT, 2008).

A fraseologia envolvendo os animais é bastante diversificada, mas não é significativa diante do número de espécies. Von Ihering (1968) denunciou a pobreza do nosso vocabulário diante da nossa biodiversidade; ele constatou que a população usa cerca de 2000 vocábulos para designar a nossa variedade faunística, mas o número de espécies existentes à época (o livro foi publicado entre 1931 e 1937, distribuído em 7 fascículos) foi estimado em 840 mil – dentre estas,

²⁵ *The New York Public Library – Science desk reference*. Nova York: Simon & Schuster Macmillan, 1995; *Scientific American – Science desk reference*. Nova York: John Wiley & Sons, Inc., 1999.

675 mil (80,4%) são insetos. O conhecimento científico avançou e o número estimado de espécies saltou para 1.071.000, enquanto muitas palavras e expressões populares caíram em desuso ou os novos tempos não recomendam a utilização, como “no mato sem cachorro” e “matar dois coelhos com uma só cajadada”.

Os animais são largamente utilizados como modelos para descrever supostas características negativas de uma pessoa (e.g., “comer como um lobo” ou “falso como uma cobra”), mas o fenômeno não revela a verdadeira natureza dos animais. O cidadão comum freqüentemente exibe dificuldades para expressar suas idéias e estados subjetivos acerca de uma pessoa e, então, recorre a um esquema metafórico. Os equívocos e erros de julgamento são facilmente constatáveis, mas a linguagem teriomórfica facilita o fluxo normal de uma conversa e permite mútuos entendimentos; o recurso é influenciado pelo nível educacional e classe social de seus usuários, contexto (linguagem escrita e conversa corriqueira) e o grau de convivência do homem com os animais. Trata-se de um fenômeno universal e bastante dinâmico, pois frases e expressões desaparecem com o tempo, sofrem adulterações ou são utilizadas em novos contextos e outras surgem como frutos dos novos tempos.

Referências bibliográficas

- ALCOCK, J. *Animal behavior*. Sunderland, MA: Sinauer Associates, Inc., 1998.
- ANDERSON, K.A.; ROUNTREE, R.A. & JUANES, F. Soniferous fishes in the Hudson River. *Transactions of the American Fisheries Society*, 137: 616-26, 2008.
- BERNARDI, N. & GUERRA, R.F. Ethnoethological characterization of human features by using animals as models. VIIth Meeting of the International Society for Comparative Psychology. São Paulo, 4-8 July, p. 64, 1994a.
- BERNARDI, N. & GUERRA, R.F. Ethnoethological categorization of popular proverbs and idiomatic expressions. VIIth Meeting of the International Society for Comparative Psychology. São Paulo, 4-8 July, p. 64, 1994b.
- BIZERRIL, M.X.A. & ANDRADE, T.C.S. Knowledge of the urban population about fauna. *Ciência e Cultura*, 51(1): 38-41, 1999.
- BOYAZOGLU, J.; HATZIMINAOGLOU, Y. & MORANDI-FEHR, P. The role of the goat in society: past, present and perspectives for the future. *Small Ruminant Research*, 60: 13-23, 2005.

- BURTON, M. *Animal legends*. Nova York: Coward-McCann Inc., 1957.
- CABRAL, T. *Novo dicionário de termos e expressões populares*. Edições UFC: Fortaleza, 1982.
- CASCUDO, L. da C. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1954.
- CASCUDO, L. da C. *História da alimentação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1967-68.
- COARACY, V. *O Rio de Janeiro no século dezessete*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.
- CRULS, G. *A aparência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1965.
- DE HOLANDA, S.B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1936.
- DE LOS RIOS, A.M. *O Rio de Janeiro imperial*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1946.
- DE MAGALHÃES, A.C. *Ensaio sobre a fauna brasileira*. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, 1939.
- DRISCOLL, C.A.; CLUTTON-BROCK, J.; KITCHENER, A.C. & O'BRIEN, S.J. The taming of the cat. *Scientific American*, 300(6): 56-63, 2009.
- DYER, T.F.T. *Folk-lore of Shakespeare*. Williamstown: Corner House, 1978.
- EWER, R.F. *Ethology of mammals*. Londres: Logos Press Ltd., 1968.
- FLETCHER, J.C. & KIDDER, D.P. *Brazil and the Brazilians*. Boston: Little, Brown, and Co., 1879.
- FREYRE, G. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1936.
- GRAVES, R. *The Greek myths*. Londres: The Folio Society, 1996.
- GUERRA, R.F. Uma análise evolucionária da parturição e do desenvolvimento infantil em mamíferos. *Revista de Ciências Humanas/UFSC*, 34: 395-439, 2003.
- GUERRA, R.F. Sobre o uso de animais na investigação científica. *Impulso/UNIMEP*, 15(36): 87-102, 2004.
- GUERRA, R.F. Sereias, lobisomens e animais no imaginário. *Humanidades/UnB*, 51: 61-82, 2005.

- GUERRA, R.F. & BERNARDI, N. Ethnoethological quantitative analysis of Brazilian popular phrases and idiomatic expressions. VIIth Meeting of the International Society for Comparative Psychology. São Paulo, 4-8 July, p. 73, 1994a.
- GUERRA, R.F. & BERNARDI, N. Theriomorphic approach to human characteristics: an ethnoethological view about animal nature. VIIth Meeting of the International Society for Comparative Psychology. São Paulo, 4-8 July, p. 73, 1994b.
- HATZIMINAOGLOU, Y. & BOYAZOGLU, J. The goat in ancient civilizations: from the Fertile Crescent to the Aegean Sea. *Small Ruminant Research*, 51: 123-29, 2004.
- HAWKINS, A.D. Underwater sound and fish behavior. In: T.J. Pitcher (Ed.). *Behaviour of teleost fishes*. Pp. 129-70. Nova York: Chapman & Hall, 1993.
- HENDRICKSON, R. *More cunning than man*. Nova York: Kensington Books, 1983.
- HOLEKAMP, K.E. Spotted hyenas. *Current Biology*, 16(22): R944-R945, 2006.
- KNIGHT, A.J. "Bats, snakes and spiders, Oh my!" How aesthetic and negativistic attitudes, and other concepts predict support for species protection. *Journal of Environmental Psychology*, 28: 94-103, 2008.
- KUNZ, T.H.; DE TORREZ, E.B.; BAUER, D.; LOBOVA, T. & FLEMING, T.H. Ecosystem services provided by bats. *Annals of the New York Academy of Sciences*, 1223: 1-38, 2011.
- MACDONALD, D. *Encyclopedia of mammals*. Nova York: Facts on File, 1995.
- MAY, R.M. How many species on earth? *Science*, 241:1441-49, 1988.
- MELLO-LEITÃO, C. *A vida maravilhosa dos animais*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.
- MENDES, C.L.S. & SCHALL, V. Knowledge of forests and their representation among urban children. *Ciência e Cultura*, 47(1/2): 32-37, 1995.
- MIEDER, W. *The Prentice-Hall encyclopedia of world proverbs*. Nova York: MJF Books, 1986.
- MIEDER, B. & MIEDER, W. Tradition and innovation: proverbs and advertising. *The Journal of Popular Culture*, 11(2): 308-19, 1977.
- NASCENTES, A. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

- NOWAK, R.M. *Walker's mammals of the world*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1991.
- OPIE, I. & TATEM, M. *A dictionary of superstitions*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- PASSOS, A. *O Rio de Janeiro no tempo do "Onça"*. Rio de Janeiro: Secretaria de Educação e Cultura, 1930.
- PIMM, S.L. & RAVEN, P. Extinction by numbers. *Nature*, 403(24 Feb): 843-45, 2000.
- RADFORD, E. & RADFORD, M.A. *The encyclopedia of superstitions*. Nova York: Barnes & Noble Books, 1996.
- REISS, K.Z. Feeding in Myrmecophagous mammals. In: K. Schwenk (Ed.). *Feeding*. Pp. 459-85. Nova York: Academic Press, 2000.
- ROMANES, G.J. *Animal intelligence*. Londres: Kegan Paul, Trench & Co., 1883.
- ROMANES, G.J. *Mental evolution in animals*. Nova York: AMS Press, 1884.
- SANTOS, E. *Entre o gambá e o macaco*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1945.
- SCHMIDT, M.J. Working elephants. *Scientific American*, 274(1): 66-71, 1996.
- TRINDADE, M.E. DE J. & JUCÁ-CHAGAS, R. Diet of two serrasalmín species, *Pygocentrus piraya* and *Serrasalmus brandtii* (Teleostei: Characidae), along a stretch of the rio de Contas. *Neotropical Ichthyology*, 6(4): 645-50, 2008.
- TULIN, M.S. *Aardvarks to zebras*. Nova York: Citadel Press Books, 1995.
- VON IHERING, R. *Da vida dos nossos animais*. São Leopoldo: Casa Editora Rotermund S.A., 1934.
- VON IHERING, R. *Dicionário dos animais do Brasil*. Brasília: Editora da UnB, 1968.
- WATTS, H.E. & HOLEKAMP, K.E. Hyena societies. *Current Biology*, 17(16): R567-R660, 2007.
- WOOTON, A. *Animal folklore, myth and legend*. Poole: Blandford, 1986.
- ZEDER, M.A. & HESSE, B. The initial domestication of goats (*Capra hircus*) in the Zagros mountains 10,000 years ago. *Science*, 287(24 March): 2254-57, 2000.